



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

VINCULAÇÃO PARENTAL E VINCULAÇÃO AMOROSA:

Um estudo com Jovens Adultos

SARA FILIPA SANTOS MOTA

Orientador de Dissertação

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador do Seminário de Dissertação

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica

2018

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, Orientadora do Seminário de Dissertação, pela orientação, partilha de conhecimento e pelo incentivo à reflexão. Obrigada.

Às colegas do Seminário de Dissertação, pela partilha das suas experiências, das suas dúvidas e das suas sugestões. À Mariana pelo seu apoio e ajuda que numa fase inicial foram fundamentais. Obrigada.

A todos os jovens adultos que responderam ao questionário, participando nesta investigação. A todos os amigos que o partilharam fazendo com que este trabalho fosse possível de realizar.

À minha Mãe pelo seu esforço constante para que eu conseguisse concluir o curso e por ter estado sempre presente em todos os momentos. Pela sua força e determinação e por ter tornado este meu sonho possível.

E, principalmente, à minha retaguarda, ao meu suporte, aos meus três Amores. Ao Mário, por me ouvir, por me escutar, por me apoiar e por relativizar todo o meu “mau feitio” proveniente de momentos mais caóticos. Aos meus filhos. À Leonor, pela sua energia, alegria contagiante e pelo seu sorriso delicioso que foram, muitas vezes, a força de que precisava para continuar. Ao amor mais pequenino, que ainda sem saber já me motiva para que termine esta etapa com sucesso. Obrigada! Amo-vos.

“Acredito que amar seja a melhor vacina
contra a angústia da vida e o medo da morte”,
Gilda Maria Castanho Franco Montoro,
em ‘Laços Amorosos’, 2004

Resumo

Este estudo enquadra-se na teoria da vinculação (Bowlby, 1969; Bartholomew, 1990) e tem como objectivo avaliar a percepção dos jovens adultos sobre a sua Vinculação Parental, a sua Vinculação Amorosa e analisar a relação entre estas variáveis em função da configuração familiar. Foram aplicados o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) (Matos & Costa, 2001) e o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) (Matos, Barbosa & Costa (2001), versão reduzida) a 227 jovens adultos (66 filhos de pais divorciados e 161 filhos de pais casados), com uma média de idades de 25.65 anos. Os resultados obtidos demonstram que o padrão de vinculação destes jovens adultos é maioritariamente seguro (39.6% ao pai; 55.9% à mãe; 45.4% ao parceiro amoroso). Verificou-se a existência de uma correlação positiva entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, embora apenas significativa relativamente à mãe, ou seja, o tipo de vinculação à mãe prediz o tipo de vinculação ao parceiro amoroso ($r_s = 0.186$, $p < 0.01$). O divórcio parental não se demonstrou relacionado com a vinculação ao par amoroso ($\chi^2(3) = 3.113$, $p = ns$).

Palavras-chave: Vinculação Parental; Vinculação Amorosa; Divórcio Parental; Jovens Adultos.

Abstract

This study is based on the theory of attachment (Bowlby, 1969; Bartholomew, 1990) and aims to evaluate the perception of young adults about their Parental Attachment, Romantic Attachment and analyze the relationship between these variables according to the family configuration. A total of 227 young adults (66 children of divorced parents and 161 children of married parents) were enrolled in the Father/Mother Attachment Questionnaire (Matos & Costa, 2001) and the Romantic Attachment Questionnaire (Matos, Barbosa & Costa (2001), reduced version), with a average age of 25.65 years. The results show that the attachment pattern of these young adults is mostly safe (39.6% to the father, 55.9% to the mother, 45.4% to the loving partner). There was a positive correlation between parental attachment and romantic attachment, although only significant relative to the mother, that is, the type of attachment to the mother predicts the type of attachment to the loving partner ($r_s = 0.186$, $p < 0.01$). Parental divorce was not shown to be related to attachment to love couple ($\chi^2(3) = 3.113$, $p = ns$).

Key-words: Parental Attachment; Romantic Attachment; Parental Divorce; Young Adults.

Índice

I - Introdução	1
II. Enquadramento Teórico	4
2.1. <i>Vinculação</i>	4
2.2. <i>Vinculação Amorosa</i>	7
2.2.1. <i>Fases de vinculação amorosa</i>	11
2.3. <i>Vinculação Parental e Vinculação Amorosa</i>	11
2.4. <i>Vinculação e Divórcio</i>	16
III. Objectivos e Hipóteses	25
IV. Método	28
4.1. <i>Participantes</i>	28
4.2. <i>Instrumentos</i>	32
4.3. <i>Construção de Clusters</i>	34
4.4. <i>Procedimento</i>	41
V. Resultados	43
5.1. <i>Correlações entre a Vinculação Parental e Vinculação Amorosa</i>	43
5.2. <i>Efeito do divórcio parental sobre a (o tipo de) vinculação ao par amoroso</i>	45
5.3. <i>Vinculação Amorosa e Género</i>	46
5.4. <i>Idade dos filhos no momento do divórcio dos pais e Vinculação Amorosa</i>	48
5.5. <i>Análises diferenciais nos protótipos de vinculação ao pai e à mãe em função da variável configuração familiar</i>	50
VI. Discussão	52
VII. Conclusão	56
VIII. Referências Bibliográficas	58
ANEXOS	70
Anexo A - Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)	71
Anexo B - Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)	73

Anexo C - <i>Questionário Sócio-Demográfico</i>	76
Anexo D – <i>Caracterização da Amostra</i>	78
Anexo E – <i>Pressuposto da Normalidade</i>	81
Anexo F - <i>Correlações entre a vinculação parental e vinculação amorosa</i>	83
Anexo G – <i>Efeito do divórcio parental sobre a (o tipo de) vinculação ao par amoroso</i>	85
Anexo H – <i>Vinculação Amorosa e Género</i>	86
Anexo I – <i>Idade dos filhos no momento do divórcio dos pais e Vinculação Amorosa</i>	88
Anexo J – <i>Análises diferenciais nos protótipos de vinculação ao pai e à mãe em função da variável configuração familiar</i>	90

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição da Amostra por Género.....	28
Tabela 2 - Distribuição da Amostra por Idade	28
Tabela 3 - Distribuição da Amostra por Estado Civil e Duração da Relação	29
Tabela 4 - Características Sócio-Demográficas da Amostra	29
Tabela 5 – Distribuição da Amostra segundo o familiar em quem o sujeito pensou ao responder ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	30
Tabela 6 - Distribuição da Amostra pela Configuração Familiar.....	31
Tabela 7 – Análise de clusters do QVPM – versão pai	35
Tabela 8 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters (QVPM - Pai)	35
Tabela 9 – Análise de clusters do QVPM – versão mãe	37
Tabela 10 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters (QVPM - Mãe)	38
Tabela 11 – Análise de clusters do QVA	40
Tabela 12 – Análise de correlação entre as Escalas do QVPM (Pai e Mãe) e do QVA.....	43
Tabela 13 – Análise de correlação entre as dimensões da Vinculação ao Pai e as dimensões do QVA.	44
Tabela 14 – Análise de correlação entre as dimensões da Vinculação à Mãe e as dimensões do QVA.	44
Tabela 15 - Qui-Quadrado.....	45
Tabela 16 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters do QVA	45
Tabela 17 - Qui-Quadrado.....	47
Tabela 18 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters da Vinculação Amorosa (QVA).....	47
Tabela 19 - Tabela Cruzada, tendo em conta a idade no momento do divórcio e os quatro clusters do estilos de vinculação amorosa (QVA).....	49
Tabela 20 - Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a vinculação ao pai e a configuração familiar	50
Tabela 21 – Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a vinculação à mãe e a configuração familiar	50

Tabela 22 - Tabela Cruzada, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters dos estilos de vinculação ao pai	51
Tabela 23 - Tabela Cruzada, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters dos estilos de vinculação à mãe	51

Lista de Imagens

Figura 1 – Percentagem dos Estilos de Vinculação ao Pai (QVPM) por Género	36
Figura 2 – Percentagem dos Estilos de Vinculação ao Pai.....	37
Figura 3 – Percentagem dos estilos de Vinculação à Mãe (QVPM) por género	38
Figura 4 – Percentagem dos Estilos de Vinculação à mãe	39
Figura 5 – Percentagem dos Estilos de Vinculação Amorosa (QVA).....	41
Figura 6 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) segundo a Configuração Familiar.....	46
Figura 7 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) por género	47
Figura 8 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) pela idade no momento do divórcio parental	49

I - Introdução

A vinculação é definida como uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa a outra tanto no tempo como no espaço (Bowlby, 1990a). A teoria da vinculação, orientada por pressupostos de matriz diversa, conceitua a tendência dos seres humanos para criarem fortes vínculos afectivos com os outros (Bowlby, 1977). Os bebés nascem para se ligarem, exibindo comportamentos automáticos instintivos – sorriem aos pais e choram quando aflitos – no sentido de se agarrarem a uma figura que lhes dê protecção, uma vez que nascem indefesos e totalmente dependentes. A vinculação do bebé à mãe, que geralmente é a pessoa que lhe confere cuidado e que vai depender da qualidade da relação, é o primeiro vínculo estabelecido, sendo a base de todas as outras relações posteriores (Gleitman, 2007). O estilo de vinculação que é estabelecido com as figuras significativas de afecto pode ser promotor ou, por outro lado, dificultador de competências e estratégias de regulação emocional dos indivíduos (Mikulincer & Shaver, 2007).

Como verificaremos ao longo da primeira parte desta investigação, o sistema de vinculação mantém-se ao longo de toda a vida, contribuindo para a formação de atitudes do indivíduo nas suas relações amorosas, e uma vez que este processo envolve uma interacção dinâmica, ou seja, não é estático, o sujeito pode alterar o seu estilo de vinculação ao longo de todo o seu desenvolvimento.

E quando ocorre o divórcio parental?

Em Portugal, durante o ano de 2017, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), cerca de 60 casais divorciaram-se por dia, totalizando 21.577 divórcios. Segundo as estatísticas, os valores da taxa bruta de divorcialidade acompanham a tendência de evolução do número de divórcios decretados (INE, 2017). Estes valores excluem as situações não registadas juridicamente, ou seja, separações resultantes de união de facto, o que aumentaria os valores acima citados, embora importa referir que existem situações de divórcio em que o casal não tem filhos.

Sabemos que a separação dos pais vai gerar invariavelmente uma série de mudanças tanto no funcionamento familiar, nas experiências de vida diárias como também nos relacionamentos interpessoais entre os membros da família (Moura & Matos, 2008). Será este evento capaz de ter impacto negativo nos relacionamentos amorosos dos filhos? Ou será a maneira como os pais interagem com os filhos após este acontecimento que irá influenciar relações futuras? Considerando os resultados contraditórios de diversos estudos e os resultados

referentes à taxa de divórcio torna-se pertinente estudar o impacto que este evento pode ter na vida adulta dos filhos.

Conforme o título deste trabalho anuncia, o estudo aqui apresentado incide sobre a vinculação parental e vinculação amorosa em jovens adultos. Deste modo, a presente investigação tem como objectivo primordial avaliar a relação de percepção dos jovens adultos, filhos de pais separados/divorciados e de famílias nucleares, sobre a sua vinculação parental com a sua vinculação amorosa. Esta escolha tem como base a ausência de acordo nos resultados publicados como veremos ao longo de toda a parte teórica deste trabalho.

A separação emocional dos filhos aos pais resulta no processo de individuação, que visa alcançar a autonomia e independência (Fleming, 2005). Até à década de setenta do século XX, quando os jovens fossem capazes de obter estabilidade económica e criassem o seu próprio núcleo familiar eram considerados adultos plenos. Desde então, ocorreram uma série de mudanças culturais, sociais e económicas que fizeram repensar a entrada na vida adulta (Mota & Rocha, 2012). Estas transformações manifestaram-se pela entrada mais tardia no mercado de trabalho, no aumento tanto na idade média ao primeiro casamento, como na idade média ao nascimento do primeiro filho (INE, 2017). A verificação e confirmação de que a transição para a vida adulta se prolongou até quase ao início da terceira década de vida fez com que diversos autores da área da psicologia do desenvolvimento concedessem particular atenção a esta fase, denominando-a e distinguindo-a de outros períodos do ciclo vital. Adolescência, adolescência prolongada, juventude, jovens adultos, transição para a idade adulta e adultos emergentes foram os diferentes conceitos propostos (Arnett, 2000; Levinson, 1986). Desta forma, Arnett (2006) designa a idade adulta emergente como um período de transição, mais ou menos extenso, em torno dos 18 e 29 anos, em que o indivíduo é responsável pelas suas decisões, tornando-se detentor de uma maior independência das figuras parentais, diferenciando-o, assim, do período da adolescência. Considerando a importância deste período na vida do sujeito e a escassez de estudos realizados com jovens adultos, uma vez que incidem sobretudo no período da adolescência, a presente investigação debruçar-se-á numa amostra de jovens adultos.

O presente estudo tem como base a teoria da vinculação e adopta a abordagem metodológica inscrita no modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Bartholomew (1991), encontrando-se organizado em torno de duas partes, teórica e empírica. A primeira parte é constituída por uma revisão de literatura que visa o aprofundamento teórico das temáticas da vinculação – vinculação parental e vinculação amorosa – e do divórcio, estabelecendo uma associação entre estas variáveis. Ao longo desta primeira parte, procura-se ainda referenciar os trabalhos que têm sido realizados e os respectivos resultados. A segunda

parte, parte empírica deste estudo de cariz correlacional e comparativo, que visa oferecer um contributo ao nível empírico, está organizada da seguinte forma: primeiro serão apresentados os objectivos, hipóteses e problemas de investigação deste estudo. Seguidamente, no método, serão descritos os participantes, os instrumentos (QVPM, QVA e Questionário Sócio-Demográfico) e os procedimentos utilizados; posteriormente serão apresentados os resultados, no qual faremos uma comparação entre os resultados de filhos de pais separados/divorciados e filhos provenientes de famílias nucleares/intactas; a apresentação dos principais resultados encontrados e discussão acerca dos mesmos; e por fim, a conclusão, em que serão identificadas as principais ideias a que este trabalho permitiu chegar, bem como as suas limitações e propostas futuras, quer ao nível da investigação, quer da intervenção.

II. Enquadramento Teórico

2.1. Vinculação

A teoria da vinculação foi desenvolvida originalmente por John Bowlby (1907 - 1990), um psicanalista britânico que procurava entender os efeitos da separação mãe-criança. Bowlby divergiu dos seus colegas psicanalíticos ao centrar-se no comportamento observável das interacções dos bebés com os seus cuidadores, integrando disciplinas científicas como a psicanálise, etologia, psicologia cognitiva e psicologia do desenvolvimento (Blatt, Levy & Shaver, 1998).

Para Bowlby, a vinculação, enquanto comportamento instintivo, tem como objectivo garantir a sobrevivência do indivíduo. A teoria da vinculação conceitua a propensão dos seres humanos para criarem fortes vínculos afectivos com os outros (Bowlby, 1977). Esta predisposição inata para a formação de laços emocionais é regulada pelo que Bowlby designou de sistema comportamental, um sistema constituído por uma série de comportamentos que visam um fim comum, sendo a eficácia reprodutiva, que contribui para a sobrevivência da espécie, um deles. Assim, comportamento de vinculação pode ser definido como a procura e a manutenção da proximidade a uma determinada figura, geralmente considerada como sendo mais forte e mais atenta, uma vez que possibilita uma maior capacidade de lidar com as dificuldades impostas por um meio exigente (Bowlby, 1990a). Desta forma, a vinculação é definida como uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa a outra tanto no tempo como no espaço (Bowlby, 1990a).

Bowlby, ao falar de sistema de vinculação refere-se à manutenção da proximidade entre bebés e os seus cuidadores em condições de perigo ou ameaça. Esta relação de vinculação, estabelecida por volta dos 7/8 meses, permite que a criança se ligue a uma ou mais figuras estáveis e tidas como únicas, ao longo da sua vida (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Para Bowlby subsistem, pelo menos, quatro processos que contribuem para a selecção de uma figura de vinculação: o primeiro dita uma propensão inata para a criança olhar, ouvir e orientar-se para certos tipos de estímulos que advêm do ser humano, resultando numa particular atenção da criança face às figuras que manifestem interesse e cuidado por ela; um outro processo que leva à selecção de uma figura de vinculação refere-se à aprendizagem por exposição que vai possibilitar que a criança apreenda os atributos perceptivos do seu cuidador e que seja capaz de discriminar essa pessoa de todas as outras, ou seja, capaz de reconhecer, distinguindo, o familiar do estranho; outro processo refere-se a uma predisposição inata da

criança para se aproximar de tudo o que lhe for familiar; o último processo mencionado por Bowlby refere-se ao *feedback* de resultados, ou seja, como efeito do *feedback* de certas consequências de um comportamento, este pode ser reforçado. Bowlby, no que concerne a este último processo, menciona que a sensibilidade da figura adulta face ao choro da criança e a qualidade da interacção social são as variáveis mais relevantes neste processo de reforço do comportamento de vinculação orientado a uma determinada figura (Bowlby, 1990a).

John Bowlby, criador da Teoria do Apego, que visa a descrição e explicação de certos fenómenos centrais do desenvolvimento emocional humano, propõe dois conceitos: o sistema de apego, que se representa pela procura e manutenção de proximidade com as figuras de apego, consideradas fundamentais para a manutenção do bem-estar psíquico de cada indivíduo; e o sistema de cuidado que se caracteriza pela relação mãe-filho, embora este sistema também possa existir na relação conjugal. O cuidado é activado nos pais em relação aos filhos ou entre cônjuges, quando há a percepção que o outro necessita de protecção, atenção ou ajuda. Desta forma, o sistema de apego e o sistema de cuidado são complementares, uma vez que quando o sistema de apego de um cônjuge é activado, o comportamento de cuidar por parte do outro cônjuge é, conseqüentemente, também, activado (Montoro, 2004). Contrariamente ao que se sucede na infância, as ligações afectivas na idade adulta suportam uma flexibilidade e alternância de papéis (figura cuidadora e figura cuidada) conforme as exigências do meio.

Formulações mais recentes vêem o sistema de vinculação como um sistema que funciona continuamente de forma a promover a segurança da criança, facilitando a exploração do meio (Ainsworth et al., 1978; Sroufe & Waters, 1977). A qualidade das relações iniciais de vinculação está assim enraizada no grau em que a criança passou a confiar na figura de vinculação como fonte de segurança (Ainsworth et al., 1978). Ou seja, quando a criança percebe a figura de vinculação como disponível e o ambiente como tranquilo, pode explorar o meio com confiança, sendo esta interacção designada por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) de base segura. Assim, para Ainsworth (1991), a base segura era o elemento central da vinculação ao longo de toda a vida, mencionando que uma relação de vinculação segura seria uma relação que facilitasse o funcionamento e a competência do sujeito fora da relação.

O primeiro estudo empírico sobre vinculação foi desenvolvido por Ainsworth (1965). A autora deu o seu contributo à teoria da vinculação ao desenvolver o procedimento conhecido com Situação Estranha, sendo este o primeiro instrumento de avaliação da vinculação. Ainsworth, tendo como base as respostas dos bebés relativas à separação e ao encontro com os seus cuidadores, identificou três padrões distintos de vinculação infantil: seguro, ansioso/ambivalente e evitante. As crianças classificadas com uma vinculação segura, após a

separação, ficam felizes quando a mãe regressa e, se estiverem angustiadas, procuram proximidade e são facilmente consoladas. Os bebés classificados com uma vinculação ambivalente aproximam-se da mãe, mas resistem ao contacto, mostrando uma incapacidade de serem consolados aquando o regresso da mãe. Os bebés classificados como evitantes, evitam a proximidade ou a interacção com o cuidador aquando o seu regresso. A continuidade nos padrões de vinculação infantil parece ser mediada em grande parte pela continuidade na qualidade das relações primárias de vinculação (Bartholomew & Horowitz, 1991), destacando-se quer a sensibilidade das figuras parentais na oferta de respostas adequadas às necessidades de proximidade e de segurança da criança, quer a disponibilidade física e emocional que permite que a figura de vinculação seja acessível e responsiva quando a criança a procura. Quando as figuras parentais se apresentam sensíveis e responsáveis na interacção com a criança, esta tenderá a desenvolver uma vinculação segura que lhe permite ter condições para um bom desenvolvimento da relação do indivíduo com os outros, o que lhe possibilita uma melhor integração no meio. No entanto, se estas condições não forem satisfeitas, a criança poderá desenvolver uma vinculação insegura, exibindo dificuldades tanto no desenvolvimento emocional como de regulação do afecto e da integração interpessoal (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1990a).

Desta forma, a família, enquanto primeiro contexto de socialização, desempenha um papel crucial tanto no comportamento como no desenvolvimento da criança (Baumrind, 1991; Parke & Buriel, 2006). As experiências emocionais que decorrem da relação com os pais vão, segundo a teoria da vinculação, impulsionar a construção de modelos representacionais acerca de si próprio e do mundo (Bowlby, 1990b, 1990c) e servirão de modelo para as suas relações futuras, ou seja, influenciam o estilo de vinculação que o indivíduo estabelecerá em adulto (Bronfenbrenner, 1996), em termos de expectativas e comportamentos (Oliveira & Costa, 2005) formam um protótipo para relacionamentos posteriores externos à família.

As relações precoces têm sido consideradas essenciais para o desenvolvimento da criança (Maccoby, 2000; Sroufe, 2000), em que a qualidade dos cuidados parentais é muitas vezes mencionada como sendo a variável mais relevante para o desenvolvimento infantil (Sroufe, 2002 cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013). Assim, a teoria da vinculação salienta a importância das relações afectivas no desenvolvimento humano, desde o nascimento do indivíduo até à sua morte.

2.2. Vinculação Amorosa

Um princípio básico da teoria da vinculação é que as relações de vinculação continuam a ser importantes ao longo de toda a vida (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1977, 1990a, 1990c). Ao contrário dos bebês, os adultos entram num relacionamento (romântico) com um histórico anterior de relacionamentos e esquemas internos ou modelos de trabalho que orientam avaliações e expectativas que permitem ao indivíduo prever o comportamento do parceiro amoroso (Collins et al., 1997). As avaliações da disponibilidade e da capacidade de resposta de um parceiro romântico podem ser influenciadas pelas expectativas desenvolvidas nas relações de vinculação pai-filho (Bowlby, 1990b).

Inicialmente acreditava-se que os relacionamentos românticos emergentes na adolescência e em toda a idade adulta eram passageiros e superficiais, não tendo um impacto significativo no desenvolvimento futuro (Collins, 2003), mais recentemente, os estudiosos identificaram que os relacionamentos românticos seriam provavelmente promotores de tarefas de desenvolvimento relacionadas à identidade, autonomia e intimidade (Ávila, Cabral & Matos, 2011). Durante a adolescência, os jovens, de uma forma gradual, saem das representações idealizadas dos seus pais e envolvem-se em relacionamentos íntimos com os seus pares, sendo esses relacionamentos, em última instância, fontes primárias de apoio social (Overbeek, Engels, Meeus e Volleberg, 2003). Os relacionamentos românticos abarcam a integração da vinculação, afiliação, cuidados e comportamento reprodutivo sexual. Este contexto promove desafios e oportunidades de crescimento para a autonomia, identidade e desenvolvimento da intimidade (Ávila, Cabral & Matos, 2011).

Foi nos anos de 1980 e 1990 que o estudo do amor romântico conjugal cresceu. A noção de amor é definida, de uma forma geral, com base em dois temas: sentimentos de preocupação, de cuidado e protecção com o bem-estar do amado e o desejo de proximidade com este (Montoro, 2004).

Para Montoro (2004), o amor conjugal é um fenómeno complexo e estruturante, que visa catalisar o processo de individuação, envolvendo a integração de diversos sistemas afectivos: apego; cuidado; romantismo e sexualidade; amizade.

Os adultos apresentam vontade, desejo, de estar com o seu par sendo que, em situações de insegurança ou ameaça, é nele que procuram conforto, experienciando assim sentimentos de segurança e de confiança junto dessas relações (Doherty & Feeney, 2004). Na jovem adultícia, as figuras parentais assumem uma posição secundária em comparação com os parceiros amorosos (Bartholomew & Thompson, 1995), uma vez que primeiro lugar na hierarquia das

figuras de vinculação passa a ser assumido pelo parceiro romântico (Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997).

Para além do número de vinculações diferir segundo os autores, também as dimensões que as fundamentam e a natureza dos modelos são diferentes. Existem três tipos de abordagens conceptuais na avaliação da vinculação do adulto: concepções categoriais ou tipológicas, onde se incluem as de Ainsworth, Hazan e Shaver; concepções dimensionais, formuladas por Collins e Read, que têm como objectivo superar as dificuldades das anteriores, e concepções prototípicas, formuladas por Bartholomew e Horowitz (1991, 1994), que visam conciliar as duas concepções anteriores (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Este modelo bi-dimensional da avaliação da vinculação no adulto, baseado nas proposições teóricas de Bowlby e desenvolvido por Bartholomew e Horowitz (1991) tornou-se pioneiro por considerar quer a variabilidade individual, quer as características de um grupo; as representações do *self* e as representações dos outros, segundo os modelos internos dinâmicos, e são descritas em função de quatro protótipos de vinculação e regulação emocional, que distinguem Bartholomew dos restantes autores.

Bowlby, 1973	Hazan e Shaver, 1987	Bartholomew e Horowitz, 1991
Seguro	Seguro	Seguro
Prestação de Cuidados Compulsiva	Ansioso-ambivalente	Preocupado
Autoconfiança compulsiva	Evitante	Amedrontado
Desvinculação Emocional		Desinvestido

Quadro 1. Tipologias na organização da vinculação no adulto.

As abordagens dimensionais surgem como tentativa de ultrapassar os problemas metodológicos das medidas categoriais, que embora tivessem tido um forte impacto no desenvolvimento da investigação empírica apresentaram algumas limitações, uma vez que a natureza categorial do instrumento para além de pressupor que cada estilo é independente dos restantes, não possibilita a avaliação do nível e dimensão em que cada estilo é característico de um indivíduo (Canavarro, Dias & Lima, 2006). No entanto, as abordagens dimensionais

também acarretam limitações, dada a perda de informação que uma abordagem puramente dimensional conduz, no sentido de aceder a configurações significativas não reduzíveis às dimensões (Matos, 2002). Desta forma, com o intuito de superar esta situação, surgem as abordagens prototípicas, que procuram conciliar as duas abordagens anteriores. Por este motivo, o presente estudo centra-se no modelo bi-dimensional de Bartholomew onde são, em simultâneo, identificadas características de um grupo de sujeitos e se assume a existência de variabilidade individual na pertença ao grupo (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Neste sentido, Bartholomew e Horowitz (1991) ao proporem um modelo que se orienta em torno da positividade e negatividade das tipologias latentes em função do modelo de si próprio (merecedor (ou não) de amor e apoio) e do outro (responsivo e confiante ou rejeitante e indisponível), defendem a existência de quatro padrões diferentes de vinculação do jovem e do adulto: o Protótipo Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado. Desta forma, Bartholomew recorre aos modelos internos dinâmicos que se enleiam na expectativa acerca do *self* e da disponibilidade dos outros. Segundo este modelo, o protótipo seguro refere-se aos indivíduos capazes de desenvolver representações positivas de si e dos outros, o que lhes possibilita confiar e envolverem-se tanto com os que lhe são mais próximos, como desenvolver laços afectivos com os outros. Estes indivíduos percebem os acontecimentos presentes e passados como situações que estimulam tanto a aprendizagem como o conhecimento, procuram apoio nos outros criando relações sustentadas pelo envolvimento e intimidade. O protótipo preocupado, por sua vez, refere-se aos sujeitos que mantêm uma representação negativa de si, contudo positiva dos outros. As suas relações são baseadas por uma procura excessiva de proximidade, grande necessidade de atenção, falta de autoestima e autoconfiança. Estes indivíduos necessitam dos outros para solucionar os seus problemas e, embora adoptem comportamentos extremos na relação, percebem a vida amorosa como um factor essencial nas suas vidas. Os momentos de separação são geradores de uma ansiedade excessiva. Relativamente ao protótipo desinvestido, estão inseridos os indivíduos que manifestam uma representação positiva de si, contudo negativa do outro. As relações pessoais não são valorizadas, manifestando-se uma aparente alexitimia¹ nos comportamentos; demonstram pouco envolvimento e proximidade emocional nas suas relações e avaliam os outros como tendo uma imagem negativa de si. Estes sujeitos apresentam uma moderada a elevada autoconfiança e como forma de resolver os seus problemas utilizam o evitamento e a resistência

¹ Dificuldade em expressar emoções (Freire, 2010).

enquanto estratégias; não procuram proximidade com o outro e, conseqüentemente, não reagem à separação. Por fim, o protótipo amedrontado descreve os indivíduos que desenvolvem representações negativas tanto de si como dos outros. Estes indivíduos são inseguros e vulneráveis, demonstram vontade de proximidade, mas, com medo de serem rejeitados, evitam as relações mais próximas, tendo que ser o outro a tomar a iniciativa. Contudo, com o passar do tempo, tornam-se dependentes na relação. Com o intuito de resolverem os seus problemas, estes indivíduos não procuram ajuda nos outros e mantêm-se em torno do problema (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Modelo do Self

(Ansiedade)

		Positivo (Baixo)	Negativo (Alto)
Modelo do Outro (Evitamento)	Positivo (Alto)	<p>Seguro Confiantes com a intimidade e a autonomia</p>	<p>Preocupado Preocupado com os relacionamentos</p>
	Negativo (Baixo)	<p>Desinvestido Desinvestido da intimidade</p>	<p>Amedrontado Com medo da intimidade</p>

Quadro 2. Modelo de quatro categorias de vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os padrões de vinculação estão sujeitos a modificações que se geram nas experiências de vida do sujeito. Para Montoro (2004), o conceito de “experiência emocional correctora” refere-se a uma experiência que pode ser processada de tal modo que é capaz de transformar um modelo ansioso ou evitante num modelo seguro; essa transformação demanda uma experiência de tal ordem que acarreta uma nova percepção de si próprio como alguém capaz de apoiar-se no parceiro, e de um parceiro como alguém psicologicamente disponível. Quer seja através de uma terapia ou pela experiência amorosa de algum tipo, toda a experiência emocional correctora implica mudanças na avaliação do *self*, do outro e da possibilidade de relacionamento.

2.2.1. Fases de vinculação amorosa

Entre as relações adultas importa diferenciar as relações de amizade das relações amorosas, sendo que as primeiras referem-se a figuras de vinculação auxiliares e as segundas, após cerca de dois ou três anos de relacionamento, à figura de vinculação principal (Weiss, 1988; Vormbrock, 1993 cit. por Mintz, 2004).

Mintz (2004) refere que a vinculação amorosa passa por diferentes fases, sendo elas: a pré-vinculação, que consiste no período inicial de namoro, em que o laço de vinculação ainda não se encontra formado e a natureza da relação é de cariz físico e sexual, podendo promover a construção de um laço de vinculação; a vinculação em vias de constituição, correspondente à segunda fase, é caracterizada não só pela atracção sexual, mas também pela necessidade de segurança, em que os parceiros partilham as suas emoções e a sua história pessoal, tornando-se um suporte emocional mútuo; a terceira fase, laço de vinculação, consiste nas trocas emocionais, sendo que a repetição dessas trocas, que têm como objectivo a procura de conforto e segurança, possibilita a associação do vínculo amoroso quer a uma diminuição de *stress* quer à noção de porto seguro; na última fase, parceria corrigida quanto ao objectivo, a presença do laço de vinculação já se encontra estabelecido e, com isso, a necessidade de proximidade sofre uma diminuição e a energia psíquica é redireccionada para o exterior.

2.3. Vinculação Parental e Vinculação Amorosa

Durante a década de 70 e 80, partindo da teoria da vinculação de Bowlby, foram desenvolvidos uma série de estudos que verificaram uma associação entre uma infância problemática e as relações amorosas atribuladas. Constatou-se que muitos adultos solitários eram detentores de uma infância problemática e de relações amorosas distantes, confirmando a associação entre a história de vinculação e a solidão na idade adulta. Outros estudiosos ao constatarem variabilidade na abordagem das pessoas relativamente às suas relações amorosas, desde uma preocupação extrema até ao evitamento, sentiram necessidade de desenvolver medidas capazes de caracterizar essa variabilidade (Fraley & Shaver, 2000).

As experiências de vida do sujeito, interiorizadas a partir de interpretações pessoais, dão origem aos modelos operantes internos. Estes modelos são estruturados a partir do momento em que a criança adquire a noção de “permanência do objecto”, ou seja, quando a criança é capaz de recorrer, mentalmente, à figura do outro, mesmo quando este se encontra ausente (Piaget, 1947; 1986; Waters & Waters, 2006).

Os modelos internos, construídos numa fase precoce do desenvolvimento, funcionam como uma espécie de esquemas que facilmente se tornam automáticos, o que explica que disfunções anteriores sejam mantidas, ou, noutro sentido, que se mantenha a anterior adaptabilidade (Sroufe, 2005). Embora os modelos internos sejam passíveis de mudança, eles são o mecanismo responsável pela continuidade da qualidade da vinculação da infância à idade adulta (Hazan & Shaver, 1987).

Assim, considerando que as relações entre os pais servem de modelo para relacionamentos românticos adultos, indivíduos que experienciaram conflitos parentais são mais propensos a ter crenças negativas sobre relacionamentos o que conseqüentemente os torna vulneráveis nos seus próprios relacionamentos românticos em comparação com indivíduos que não experienciaram conflitos parentais (Henry & Holmes, 1998 cit. por Duemmler & Kobak, 2001). No entanto, a teoria da vinculação sugere que o desenvolvimento social não é estático, envolve sempre uma construção contínua. Assim, mudanças nas relações vão possibilitar novas interpretações e, conseqüentemente, serão feitas actualizações das representações da vinculação (Hamilton, 2000; Machado 2003; Piaget, 1986).

A possibilidade do amor romântico ser perspectivado a partir da teoria da vinculação foi explorada, de forma empírica, primeiramente por Hazan e Shaver (1987). Hazan e Shaver (1987) conceptualizaram o amor romântico como um processo de vinculação. Assim, uma pessoa com uma representação segura de vinculação aos pais procuraria, em situações difíceis, conforto no parceiro romântico, enquanto que alguém com uma representação de vinculação aos pais ansiosa-evitante seria relutante em depender de um parceiro romântico. Um indivíduo com uma representação ansiosa-ambivalente (preocupada) de vinculação aos pais ficaria inseguro sobre a disponibilidade de um parceiro romântico e, portanto, seria difícil ser consolado por ele (Ávila, Cabral & Matos, 2011). Desta forma poderemos dizer que as dinâmicas das relações amorosas são semelhantes às das relações das crianças com os seus cuidadores relativamente à segurança, certeza na acessibilidade e responsividade do parceiro (Bretherton, & Munholland, 2008; Fraley & Shaver, 2000). No entanto, enquanto na infância o comportamento de vinculação – a procura activa do outro – é adaptativo e o cuidador encontra-se geralmente disponível para proteger a criança, no amor romântico, ao comportamento de vinculação acresce-se outros sistemas comportamentais como o sexual e o reprodutivo (Fraley & Shaver, 2000). Contrariamente ao que acontece durante a infância, na relação com os cuidadores, as transições para as relações adultas são caracterizadas por maior equilíbrio entre autonomia e proximidade, estando esse equilíbrio correlacionado com a satisfação com a vida (Guarnieri, Smorti & Tani, 2015).

Hazan e Shaver desenvolveram um procedimento de auto-relato para classificar os adultos em três categorias que correspondem aos três estilos de vinculação na infância. Os seus resultados mostraram que, em comparação com o grupo seguro, os dois grupos inseguros relatavam experiências e crenças sobre o amor mais negativas, com histórias de relacionamentos românticos mais curtos e forneceram descrições menos favoráveis acerca dos seus relacionamentos, na infância, com os pais. Os sujeitos dos dois grupos inseguros também relataram mais incertezas e menos aceitabilidade para com os outros do que aqueles que se apresentaram com uma auto-descrição segura. Este método de auto-relato identificou pessoas que referiram sentir sofrimento e desconforto quando se aproximam dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Sujeitos seguros relativamente às suas relações românticas tendem a recordar os pais como tendo sido carinhosos, respeitadores, benevolentes, aceitantes e não rejeitantes, menos punitivos, referindo também relações mais carinhosas entre os pais (Collins & Read, 1990; Diehl, Elnick, Bourbeau & Labouvie-Vief, 1998; Feeney & Noller, 1990; Greenberger & McLaughlin, 1998; Hazan & Shaver, 1987; Levy, Blatt & Shaver, 1998; Mikulincer & Nachshon, 1991). Por sua vez, os sujeitos evitantes tendem a descrever a figura materna como rejeitante e fria, enquanto o pai é descrito como impaciente, não flexível e não razoável e física e emocionalmente indisponível, fazendo com que estes sujeitos se sintam alienados na relação com a figura paterna (Rothbard & Shaver, 1994 cit. por Matos & Costa, 2006). Relativamente aos sujeitos ansiosos/ambivalentes, estes tendem a referir experiências de injustiça, de controlo e de intrusividade (Hazan & Shaver, 1987; Lopez, 1996).

A regulação emocional envolve a consciência, expressão e controlo dos aspectos e uma experiência afectiva. Segundo Salovey, Mayer, Goldman, Turvey e Parfai (1995), cit. por Ávila, Cabral & Matos (2011), no modelo de processo de regulação emocional, os indivíduos devem poder dirigir a atenção para as emoções (atenção), entender e discriminar os seus sentimentos (clareza), gerenciar os seus estados de humor (regulação) e para evitar, desvalorizar e reprimir emoções que são vistos como ameaças (supressão). A regulação das emoções inclui processos relacionais internos (auto-regulação) e externos (regulação social). Esses processos são inicialmente co-construídos com os cuidadores como parte do processo de vinculação (Cassidy, 1994) e, posteriormente, implantados com outros indivíduos significativos, nomeadamente pares e parceiros românticos.

Allen e Land (1999) argumentam que uma função central da relação de apego do adolescente com os pais pode fornecer uma base segura emocional a partir da qual o adolescente pode explorar a ampla gama de estados emocionais que surgem quando ele está a aprender a

viver como um adulto autónomo. Além disso, o desenvolvimento da capacidade de regulação de afectos pode aumentar a capacidade de formar e manter relacionamentos futuros. Embora estes processos de vinculação pareçam seguir certos caminhos normativos para todos os adolescentes, existem algumas características distintas entre as famílias que promovem vínculos emocionais seguros e incentivam a exploração e as famílias que inibem a autonomia e não conseguem criar uma condição de base segura. Os adolescentes com uma vinculação parental segura tendem a se engajar em discussões de resolução de problemas produtivos que equilibram os esforços de autonomia com os esforços para preservar o relacionamento existente com seus pais (Allen & Land, 1999; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming & Gamble, 1993). Os indivíduos com um histórico de relações geralmente seguras tendem a experimentar e a expressar emoções mais positivas e menos negativas nos seus relacionamentos (Simpson, Collins, Tran & Haydon, 2007). Estes sujeitos estão mais dispostos a considerar e acomodar as preferências e desejos dos seus parceiros, especialmente quando se tomam decisões sobre problemas de relacionamento. Além disso, indivíduos firmemente ligados tendem a avaliar os eventos negativos como menos ameaçadores e a tolerar melhor diversas emoções, sejam elas positivas e/ou negativas (Cassidy, 1994). Contrariamente, sujeitos com vinculações inseguras são mais prováveis de evitar a resolução de problemas, têm menores níveis de confiança para a interacção com o outro e níveis mais altos de desengajamento, raiva disfuncional e uso de táticas de pressão que tendem a minar a autonomia (Allen & Land, 1999; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming & Gamble, 1993).

Relativamente às relações entre vinculação parental e vinculação romântica, alguns estudos apresentam relações significativas entre ambas, em que adolescentes e/ou adultos mais seguros em relação às figuras parentais estabelecem relações mais seguras com o par romântico (Gleeson & Fitzgerald, 2014; Matos & Costa, 2006; Muraru & Turluc, 2012), mantendo relações mais duradouras e recorrendo a mais adjectivos positivos para descrever os seus parceiros (Vorra, Vairami, Gialaouzidis, Kotroni, Markou, Marti, et al., 2007 cit. por Machado, Dias-da-Costa & Silva, 2015). Por outro lado, outros estudos mostram uma fraca correlação entre um ajustamento marital pobre e dificuldades anteriores nas relações com os pais, constatando também que a percepção de segurança aos pais não prediz a qualidade das relações românticas posteriores (Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2008; Twedt, 2013).

Muraru e Turluc (2012) com o objectivo de analisar as associações entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par romântico e o ajuste ao relacionamento conjugal, realizaram um estudo com uma amostra de 164 adultos (52 homens e 112 mulheres), com idade média de

37,01 anos. Enquanto critério de inclusão, os autores indicaram que todos os participantes teriam que ser casados há pelo menos um ano e os seus pais não poderiam ser solteiros ou divorciados. Com este estudo Muraru e Turluc (2012) concluíram que o tipo de vinculação aos pais prediz o tipo de vinculação ao par romântico, enquanto que o tipo de vinculação amorosa prediz o ajuste conjugal.

Apostolidou (2006), no seu estudo com 35 indivíduos (24 mulheres e 11 homens) com idade média de 28.8 anos, não encontrou relações significativas entre o estilo de vinculação aos pais e o estilo nas relações românticas em jovens adultos, no entanto verifica uma correlação significativamente positiva entre a percepção de controlo pela mãe e a ansiedade na relação romântica (nos homens), propondo assim que os aspectos particulares das relações influenciam a dinâmica (mais imediata) de novas relações.

Em cerca de 25 anos de pesquisa tem-se verificado correlações dos padrões de vinculação na infância com comportamentos posteriores – sujeitos seguros funcionam melhor, têm relações românticas mais estáveis e encontram-se mais disponíveis para investirem noutras tarefas, dado que têm maior propensão para “desactivarem” a necessidade de vinculação, uma vez que não precisam de a testar constantemente (Simpson & Rholes, 2012).

Collins, Cooper e Allard (2002) no seu estudo com 224 casais heterossexuais, exploraram se o estilo de vinculação durante a adolescência prevê a natureza e a qualidade dos relacionamentos românticos no início da idade adulta. Os resultados revelaram que uma vinculação insegura na adolescência era um factor de risco para os desfechos adversos da relação na idade adulta, nomeadamente para evitar a vinculação.

Dinero, Conger, Widaman e Larsen-Rife (2008) sugerem que a qualidade dos padrões de interacção observados na família está positivamente relacionada a comportamentos semelhantes aos dos parceiros românticos e à segurança da vinculação. Estes estudos apontam para ligações significativas, e previsíveis, entre o domínio parental e romântico, embora em geral a magnitude dessas associações tende a ser baixa a moderada.

Embora vários estudos forneçam evidências da ligação entre a vinculação aos pais e resultados de relacionamento posteriores, apenas alguns consideram a vinculação romântica como variável dependente (Ávila, Cabral & Matos, 2011). Além disso, embora o maior consenso seja de que a continuidade entre vinculação aos pais e vinculação romântica é reduzida (Pietromonaco & Barrett, 2000), a ausência de acordo nos resultados publicados mostra a necessidade de realizar mais estudos.

2.4. Vinculação e Divórcio

Em Portugal, durante o ano de 2017, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), cerca de 60 casais divorciaram-se por dia, totalizando 21.577 divórcios, sendo que estes valores deixam de fora as situações não registadas juridicamente (e.g. união de facto). Segundo as estatísticas, os valores da taxa bruta de divorcialidade acompanham a tendência de evolução do número de divórcios decretados. De acordo com o INE, o adiar da idade ao casamento é uma tendência que se tem observado ao longo das últimas década, tanto para homens como para mulheres, tal como se verificou em 2017, sendo a idade média, relativa ao primeiro casamento, 33,2 anos para os homens e 31,6 para as mulheres (INE, 2017).

Considerando o modelo de Bartholomew já anteriormente descrito, os modelos internos dinâmicos que os sujeitos desenvolveram de si próprios e dos outros, a partir das suas experiências de interacção com os cuidadores, principais figuras de vinculação, e que tendem a moldar a construção de relações futuras podem sofrer mudanças aquando a existência de acontecimentos de vida negativos, como o divórcio, o conflito familiar/parental, a perda de uma figura significativa. Assim, se uma figura vinculativa anteriormente considerada como responsiva e confiável, após um destes acontecimentos, se torna pouco sensível e ausente, a confiança da criança nessa figura pode ser abalada, espoletando a reconstrução dos seus modelos internos de si e do outro (Bowlby, 1990b, 1990c; Bretherton, 1985; Bretherton & Munholland, 1999).

A teoria da vinculação (Bowlby, 1969/1982; Bretherton, 1995) postula que a perda interpessoal é um mecanismo fundamental no desenvolvimento da insegurança de ligação e que o medo de ser abandonado pelos cuidadores primários leva a problemas nas relações subsequentes. Estudos com filhos de pais divorciados verificaram que estes eram mais hipervigilantes aos estímulos de perda, que activam o sistema de vinculação, do que os indivíduos provenientes de famílias nucleares/intactas (Luecken & Appelhans, 2005).

O divórcio parental não pode ser visto como um acontecimento ou episódio único, reduzido a um determinado período temporal, mas sim como uma série de acontecimentos e experiências que originam mudanças em todo o sistema familiar. O divórcio é um processo que pode ter o seu início mesmo antes de se tratar a separação em si, e se delonga para além do divórcio legal (Buchanan & Heiges, 2001; Costa, 1994). A separação dos pais vai gerar invariavelmente uma série de mudanças tanto no funcionamento familiar, nas experiências de vida diárias como também nos relacionamentos interpessoais entre os membros da família (Moura & Matos, 2008), podendo incluir o aumento do conflito entre os pais, a exposição do

filho ao sofrimento destes, as mudanças tanto na residência como na escola e a perda de tempo com os membros da família, que afectam o ajuste pós-divórcio das crianças (Greeff & Van der Merwe, 2004; Laumann-Billings & Emery, 2000; Wolchik, Wilcox, Tein & Sandler, 2000).

Relativamente aos efeitos (negativos) do divórcio a literatura não se apresenta de acordo, havendo tanto estudos que verificam diferenças significativas entre filhos de pais divorciados relativamente à vinculação como outros em que não são verificadas diferenças.

Várias pesquisas sugerem que os filhos de pais divorciados, aquando comparados com filhos de famílias nucleares/intactas, assumem um maior risco relativo a problemas comportamentais, psicológicos e educacionais. Geralmente, a escolaridade destes sujeitos é inferior e, conseqüentemente, o ordenado que obtêm dos seus trabalhos é igualmente mais baixo (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999), relatam também mais conflitos e vínculos mais fracos com os seus pais (Ruschena, Prior, Sanson & Smart, 2005), transmitem mais sofrimento psicológico (Amato & Cheadle, 2005; McIntyre, Heron, McIntyre, Burton & Engler, 2003) e são mais frequentemente classificados como sujeitos preocupados, inseguros, conforme medido pela entrevista de Vinculação no Adulto (George, Kaplan e Main, 1984 cit. por Berstein, Keltner & Laurent, 2012) – classificações altamente preditivas da vinculação insegura da sua própria infância (Lewis, Feiring & Rosenthal, 2000).

O estudo longitudinal de Lewis, Feiring e Rosenthal (2000), que contou com a participação de 84 sujeitos avaliados em três momentos distintos (aos 12 meses de vida, aos 13 anos e aos 18 anos) em que 14% da amostra tinha passado pelo divórcio parental após o primeiro ano de vida, permitiu verificar que a vinculação segura estabelecida no primeiro ano de vida não se apresentou como uma variável protectora face aos efeitos do divórcio, uma vez que na jovem adultícia tratavam-se de indivíduos que desenvolveram um estilo de vinculação insegura, ou seja, o estilo de vinculação segura estabelecido na primeira infância é interrompido na jovem adultícia pelos sujeitos que experienciaram o divórcio parental ao longo do seu processo desenvolvimental. O divórcio compromete a disponibilidade parental, promovendo o aumento de interacções negativas entre pais e filhos, favorecendo o estabelecimento de uma vinculação insegura. Ou seja, não é necessariamente o divórcio que espolta alterações no estilo de vinculação, mas sim a maneira como os pais interagem com os filhos após este acontecimento.

Christensen e Brooks (2001), na sua revisão da literatura acerca do divórcio identificaram vários factores que contribuem para que os filhos de pais divorciados experimentem algumas dificuldades nas suas relações interpessoais, sendo a intimidade e as atitudes em relação ao casamento consideradas como temáticas problemáticas para estes sujeitos. Os pesquisadores exploraram o género, o nível de desenvolvimento de idade no

momento do divórcio, o período de tempo desde o divórcio, as crenças sobre confiança, a extensão da família, o conflito e a frequência do comportamento sexual como factores que contribuem para os desfechos negativos do divórcio dos pais nos filhos na idade adulta.

Relativamente ao género, Aro e Palosaari (1992) verificaram que o divórcio parental estava associado, nas filhas, a uma maior incidência de conflitos no relacionamento. Outros estudos indicaram que o divórcio parental levou a um aumento no número de parceiros sexuais, mas apenas para as mulheres (Kinnaird & Gerrard, 1986; Sorosky, 1977), no entanto, no estudo de Gabardi e Rosen (1991) verificou-se que o aumento no número de parceiros sexuais ocorria tanto para homens como para mulheres filhos de pais divorciados. Wallerstein e Blakeslee (1989) atribuíram as diferenças de género a questões de desenvolvimento como contraposto ao divórcio, concluindo que os meninos mostraram mais sinais de trauma do que as meninas ao longo do seu desenvolvimento, mas que os problemas das meninas tornaram-se mais evidentes na jovem adultícia. Embora estes estudos mostrem dados contrastantes relativamente ao género como um preditor de como o divórcio dos pais afecta os filhos na idade adulta, parece haver um pouco mais de evidências indicando que as mulheres têm mais dificuldade de intimidade do que os homens.

Relativamente à idade da criança no momento do divórcio dos pais, embora haja um consenso geral de que os efeitos da separação são mais pronunciados na época da separação (Furstenberg, 1990), a noção de que a separação dos pais afecta as crianças de maneiras diferentes nas diferentes idades continua a ser uma questão controversa. Embora poucos estudos examinem os efeitos da separação e do divórcio em bebés e em crianças em idade pré-escolares, argumenta-se que o divórcio dos pais pode ser mais prejudicial para crianças menores do que para crianças mais velhas (Allison & Furstenberg, 1989; King, 2002; Rusbult, Wieselquist, Foster & Witcher, 1999). Allison e Furstenberg (1989), por exemplo, com o objectivo de verificar os efeitos do divórcio parental em várias medidas de bem-estar nas crianças, verificaram, com uma amostra de 1.197 crianças, que as crianças mais novas poderiam ser menos resistentes aos efeitos da separação parental, dada à sua maior dependência em relação aos pais e à imaturidade do seu desenvolvimento cognitivo que não lhes possibilita compreender completamente a situação, mostrando uma menor capacidade de adaptação ao divórcio parental. Os adolescentes, por sua vez, dado o seu desenvolvimento cognitivo, compreendem melhor a situação encontrando no grupo de pares um sistema de suporte alternativo ao das figuras parentais. No entanto, importa referir que os efeitos negativos que advêm de uma situação de divórcio parental parecem manifestar-se por um período limitado de

tempo, contrariamente às consequências resultantes de uma situação de conflito parental que parecem deter um efeito bem mais duradouro (Moura & Matos, 2008).

Oderberg (1986) conduziu um estudo na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, no qual 4 homens e 8 mulheres foram selecionados aleatoriamente em 32 alunos. Todos os participantes tinham entre 5 e 17 anos quando os seus pais se divorciaram e viveram com um deles por mais de três anos antes de saírem de casa para a faculdade. Os resultados indicaram que quanto mais jovem fosse a idade da criança no momento do divórcio, mais problemas a pessoa apresentaria nos seus relacionamentos íntimos na idade adulta. Oderberg associou estes resultados à incapacidade das crianças para entender e lidar com o divórcio numa idade tão jovem, até porque crianças mais novas também têm falta de apoio social fora da família. As descobertas de Oderberg foram apoiadas pelo trabalho anterior de Hetherington, Cox e Cox (1979), que indicou que as crianças mais jovens sofrem efeitos mais graves a longo prazo de um divórcio. No entanto, Wallerstein (1984) realizou um estudo longitudinal de dez anos em que acompanhou crianças de famílias divorciadas, verificando que as crianças menores sofrem menos traumas a longo prazo porque se lembram menos, não corroborando as conclusões dos estudos anteriormente mencionados.

As interpretações problemáticas que as crianças fazem sobre o divórcio parental tornam-se mais propensas a fortalecer os medos de perda do que as aversões à intimidade – medos que então transportam a maneira como elas se aproximam dos futuros relacionamentos românticos (Berstein, Keltner & Laurent, 2012).

Johnston e Thomas (1996) realizaram um estudo com 60 jovens adultos de famílias divorciadas, explorando o risco, a confiança e o conflito familiar como factores que afectam os filhos de pais divorciados. Os participantes foram divididos em dois grupos, jovens adultos cujos pais eram divorciados e aqueles cujos pais ainda eram casados com casamentos de baixo conflito. Nenhum dos participantes era casado e todos estavam envolvidos em relacionamentos heterossexuais monogâmicos com uma duração de pelo menos 3 meses. Cada participante completou a Escala de Risco Percebido, a Escala de Confiança Diádica, um questionário demográfico e a Escala de Conflito Parental. Com base nas respostas de todas as quatro escalas, Johnston e Thomas descobriram que filhos de pais divorciados possuem uma falta geral de confiança quando se trata de relacionamentos íntimos e casamento. Como estes sujeitos esperam ter um casamento fracassado, o risco de relacionamento percebido é alto. Assim, filhos de pais divorciados em adultos são mais propensos a experimentar níveis mais baixos de confiança nos seus relacionamentos e com os seus parceiros do que adultos de famílias intactas

e de baixo conflito. Como resultado, os relacionamentos íntimos são prejudicados devido ao medo de rejeição e falta de confiança.

Estes resultados são corroborados por vários estudos que verificaram que os filhos de pais divorciados, relativamente aos seus relacionamentos românticos, endossam a falta de confiança nas relações íntimas e no casamento (King, 2002), tendo menos expectativas para um casamento bem-sucedido (Amato, 1988; Franklin, Janoff-Bulman & Roberts, 1990).

Embora os filhos de pais divorciados possam lidar com o *stress* e se adaptarem bem durante os primeiros anos, eles provavelmente serão confrontados com problemas de amor e ansiedade matrimonial que decorrem da sua preocupação com a traição, o abandono e o não ser amado (Glenn & Kramer, 1987; Wallerstein, 1991). Além disso, os pesquisadores indicaram que os filhos de pais divorciados, em adultos, também experimentam problemas interpessoais, incluindo nas áreas de controlo e submissão (Bolgar, Zweig-Frank & Paris, 1995 cit. por Christensen & Brooks, 2001).

Estudos verificaram que os autoconceitos de filhos de pais divorciados estão significativamente correlacionados com as suas mães (que geralmente detêm a custódia), mas não mostram essa identificação com os pais (Parish & Dostal, 1980).

O conflito familiar é um factor óbvio que influencia muitos filhos de pais divorciados. Westervelt e Vandenberg (1997) realizaram um estudo com 91 estudantes do sexo masculino e 133 do sexo feminino, com foco na capacidade de intimidade dos jovens adultos. Dos 224 participantes, 111 eram de famílias nucleares/intactas e 113 eram de famílias divorciadas. Westervelt e Vandenberg (1997) descobriram que o *status* parental não estava significativamente associado à intimidade, mas que relações parentais conflituosas representavam dificuldades com a intimidade, ou seja, a maioria dos problemas que os filhos de pais divorciados experimentam com a intimidade está directamente relacionada com conflito familiar. Westervelt e Vandenberg afirmaram que as crianças aprendem comportamentos inadequados, má gestão de conflitos e os padrões disfuncionais dos seus pais, criando assim ambientes semelhantes e praticando os mesmos comportamentos que observaram enquanto cresciam em famílias de alto conflito.

Estes resultados corroboram um estudo anterior, em que Gabardi e Rosen (1991) ao estudarem as diferenças entre estudantes universitários de famílias divorciadas e intactas/nucleares, também verificaram que o conflito parental é um forte preditor de problemas de intimidade e atitudes negativas em relação ao casamento para os filhos de pais divorciados – especialmente quando o conflito parental continuou após o divórcio. Gabardi e Rosen enfatizaram que os relacionamentos íntimos dos pais parecem ser um elemento significativo na

forma como os jovens adultos resolvem as suas próprias dificuldades pessoais com a intimidade e o casamento.

Duemmler e Kobak (2001) verificaram, no seu estudo, que as contribuições da família de origem para o desenvolvimento da vinculação e compromisso na relação amorosa foram mais evidentes para os homens. A vinculação segura dos filhos rapazes com os seus pais foi associada a um maior crescimento no compromisso durante as primeiras fases das relações de namoro. Os homens que relataram níveis mais altos de conflito entre os pais mostraram menores níveis de comprometimento e segurança de vinculação. Sujeitos que viveram situações frequentes de conflito entre os pais tendem a desenvolver padrões de vinculação inseguros, enquanto que os sujeitos com vinculação segura têm sobretudo pais com uma maior sensibilidade, responsividade e mais disponíveis para ajudar a criança a regular as suas próprias emoções (Owen & Cox, 1997).

Indivíduos que ao longo do seu processo desenvolvimental desenvolveram protótipos de vinculação segura tendem a desenvolver competências interpessoais e padrões comportamentais, cognitivos e emocionais que lhes possibilita responder de forma adequada às exigências do quotidiano (Davis, Shaver, & Vernon, 2003; Mikulincer & Shaver, 2007). Consequentemente, sujeitos que desenvolveram protótipos de vinculação insegura tendem a perceber os outros como instáveis e incapazes de lhes oferecerem suporte emocional, repercutindo-se na sua capacidade de autorregulação emocional e na procura de apoio (Dozier, Stovall-McCough & Albus, 2008 cit. por Melo & Mota, 2014).

Desta forma, perante ambientes familiares marcados por conflitos parentais extremos, a separação dos pais, que consequentemente limitará o contacto entre eles, bem como diminuirá o seu conflito, poderá potencializar um melhor ajustamento psicológico dos filhos, tornando toda a dinâmica familiar mais equilibrada e funcional. Esta ideia é apoiada por diversos autores (Amato, 1986, 2001b; Clarke-Stewart et al., 2000).

Em 1980, Amato e Booth (1996) com o objectivo de medir a transmissão intergeracional do divórcio ou a maneira pela qual o divórcio afecta as futuras gerações dentro da família, realizou um estudo telefónico usando discagem aleatória com 2.033 pessoas casadas. Os resultados indicaram que os filhos de pais divorciados casam-se mais cedo, especialmente quando os dois cônjuges vêm de famílias divorciadas, facto que o autor justificou com as necessidades emocionais que estes adultos experienciam, procurando intimidade e relacionamentos comprometidos com a esperança de que tais relacionamentos satisfaçam as suas necessidades físicas e emocionais. Heifetz, Connolly, Pepler e Craig (2010) confirmam

estes resultados, verificando que os filhos de pais divorciados tendem a experienciar a sexualidade mais cedo e a casar numa idade mais precoce.

Alguns estudos têm demonstrado a ligação existente entre a separação conjugal dos pais e a separação dos filhos, verificando que filhos de pais divorciados são aproximadamente duas vezes mais propensos a se divorciar dos seus parceiros (Amato & DeBoer, 2001; Teachman, 2002), um fenómeno conhecido como transmissão intergeracional do divórcio.

Para Amato e DeBoer (2001) o divórcio dos pais, ao invés do conflito ou discórdia, está associado ao divórcio na próxima geração. Pesquisas mais recentes referem que tanto o divórcio dos pais como o conflito parental influenciam os relacionamentos românticos dos jovens adultos. Mas enquanto o divórcio parental parece relacionar-se com a qualidade do relacionamento romântico pobre em filhos de pais divorciados, promovendo atitudes mais favoráveis em relação ao divórcio e menor compromisso de relacionamento; o conflito parental parece estar relacionado à má qualidade de relacionamento através da existência de conflito entre os parceiros românticos (Cui, Fincham & Durtschi, 2011). No entanto, importa referir que é a maneira como o indivíduo percepçiona estes eventos da vida que vai influenciar o ajuste a longo prazo.

Kurdek e Berg (1987) argumentaram que as crianças que não conseguem "ter uma consciência pessoal" do divórcio dos seus pais são menos capazes de assumir o controlo sobre as suas emoções e as consequências dos seus comportamentos, colocando-as em maior risco de inadaptação. No entanto, nem todas as crenças dolorosas ou negativas parecem ser problemáticas e, embora seja típico dos filhos de pais divorciados relatarem memórias e ideias dolorosas sobre o divórcio dos pais (Wallerstein, 1991), a maioria deles não se associa a um mau ajuste sustentado. Por exemplo, embora 75% de uma amostra de filhos de pais divorciados acreditasse que as suas infâncias tinham sido menos felizes pelo facto dos seus pais se terem divorciado, endossaram níveis iguais de ansiedade e depressão tal como os filhos provenientes de famílias em que os pais se mantêm casados (Laumann-Billings & Emery, 2000).

As meta-análises demonstram que a maioria das diferenças entre filhos com pais divorciados e casados continuamente são bastante modestas (Amato & Keith, 1991). A maioria dos filhos de pais divorciados não desenvolve problemas duradouros; no projecto de Legislação Inesperada do Divórcio, 70% dos filhos de pais divorciados obteve metas de ajuste "médio" ou "muito bom" (Wallerstein, Lewis e Blakeslee, 2000 cit. por Berstein, R., Keltner, D. & Laurent, H., 2012). Na verdade, pode haver alguns resultados positivos relacionados ao divórcio dos pais. Gately e Schwebel (1992) reviram muitos dos primeiros estudos e destacaram várias áreas

em que adolescentes filhos de pais divorciados apresentavam algumas vantagens, como a maturidade, autoestima e a empatia.

Sever e colaboradores (2007) descobriram que ao longo do tempo, quase 50% dos filhos de pais divorciados apresentaram resultados mais positivos do que negativos. Os resultados positivos relatados incluíram empoderamento, empatia e conhecimento familiar. Dada a heterogeneidade nos resultados obtidos relativos ao divórcio dos pais, os pesquisadores devem passar a olhar para além das consequências (sejam positivas ou negativas) deste acontecimento na vida do indivíduo e começar a considerar quer as características do sujeito, incluindo as suas percepções, quer o que resulta do processo de divórcio dos pais, como por exemplo os impactos socio-ambientais associados, que podem potencializar, diluir, ou mesmo reverter resultados negativos (Wallerstein & Kelly, 1980).

Os resultados da investigação de Hazan e Shaver (1987) sobre a vinculação amorosa no adulto, que contou com a participação de 620 indivíduos (205 homens e 415 mulheres) com idades entre os 14 e os 82 anos (média de 36 anos), demonstraram que a separação dos pais durante a infância não estava relacionada à qualidade da vinculação na idade adulta; verificaram, também, que as percepções dos sujeitos face à qualidade das suas relações com os seus pais e dos relacionamentos dos pais entre si eram os melhores preditores de qualidade de vinculação no adulto (Mireault, Bearor & Thomas, 2001/2002).

A compaixão, usada indiscriminadamente na literatura como "simpatia", tem sido considerada a componente emocional do sistema de "cuidar" de Bowlby (1969) e é definida como um sentimento de preocupação pelo bem-estar do outro (Shiota et al., 2006). Para alguns sujeitos, filhos de pais divorciados, ajudar outras pessoas pode fazer parte de uma estratégia eficaz de enfrentamento, como sugeriu recentemente um estudo qualitativo de resiliência em filhos de pais divorciados (Thomas & Woodside, 2011). Foram também verificados níveis mais altos de tomada de perspectiva, o que pode ajudar a estimular e concentrar sentimentos compassivos para com os outros. Para Kogos e Snarey (1995), o aumento da tomada de perspectiva, existente entre os filhos de pais divorciados, ao testemunhar as diferenças de opiniões entre os pais, está na raiz do desenvolvimento do julgamento moral.

Embora não seja completamente claro que filhos de pais divorciados experimentem mais entusiasmo, é possível que este momento de *stress* incentive um senso de motivação pessoal. Isso também se enquadra na análise qualitativa de Thomas e Woodside (2011), que descobriu que os filhos de pais divorciados eram muito motivados pelo sucesso e pelo crescimento e estavam entusiasmados com suas actividades e objectivos de carreira. Pode ser que a dolorosa experiência do divórcio dos pais predisponha estes sujeitos a experimentar mais

maravilhas, humildades, gratidão, inspiração. Além disso, filhos que tenham estabelecido uma vinculação segura com os seus pais tornar-se-ão resilientes face às dificuldades que podem sentir ao longo de todo processo do divórcio parental (Ramires, 2004).

Com o processo de divórcio não parece haver alterações na qualidade do relacionamento com o pai que detém a custódia (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Dunlop, Burns & Bermingham, 2001), embora existam estudos que verificaram uma diminuição qualitativa dessa mesma relação, sendo perceptíveis alguns sinais de tensão (Woodward, Fergusson & Belsky, 2000). Por outro lado, a qualidade do relacionamento entre a criança e o pai que não detém a custódia é comprometida, tendo tendência a piorar, dada a redução, ou escassez, do envolvimento e do contacto desse pai com os seus filhos, situação que se intensifica à medida que o tempo vai passando e os filhos vão crescendo (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994).

Desta forma, considerando tudo o que anteriormente foi mencionado, poder-se-á dizer que estudos que recaiam nos efeitos das alterações familiares, como a separação/ divórcio dos pais, são uma mais-valia para salientar a importância da manutenção dos vínculos entre pais e filhos, considerando que a separação dos pais não pressupõe que estes se separem dos filhos.

III. Objectivos e Hipóteses

Considerando os resultados contraditórios face às correlações entre a vinculação parental e vinculação amorosa, bem como entre o divórcio parental e a vinculação amorosa (dos filhos), urge a necessidade de continuar a melhorar estas variáveis. Assim, a presente investigação tem como objectivo a) avaliar a percepção de vinculação aos pais dos jovens adultos e a sua vinculação amorosa e analisar a relação entre estas variáveis; b) analisar se existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa entre o grupo de filhos de pais separados/divorciados e o grupo de filhos de famílias nucleares; c) verificar se existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa entre o sexo feminino e masculino; e, por último, d) verificar se a idade do indivíduo no momento do divórcio influencia a qualidade da sua vinculação amorosa.

Alguns estudos apresentam relações significativas entre as duas variáveis, vinculação parental e vinculação amorosa. Adolescentes e/ou adultos mais seguros em relação às figuras parentais estabelecem relações mais seguras com o par romântico (Gleeson & Fitzgerald, 2014; Matos & Costa, 2006; Muraru & Turluc, 2012), mantendo relações mais duradouras e recorrendo a mais adjectivos positivos para descrever os seus parceiros (Vorria, Vairami, Gialaouzidis, Kotroni, Markou, Marti, et al., 2007 cit. por Machado, Dias-da-Costa & Silva, 2015), permitindo, assim, a formulação da primeira hipótese:

Hipótese 1 – A vinculação parental está correlacionada de forma positiva com a vinculação amorosa.

Os resultados do estudo de Berstein, Keltner e Laurent (2012) demonstraram que o facto de os pais terem, ou não, se divorciado não estava associado a nenhum comprometimento do bem-estar no jovem adulto, como maior depressão, menor autoestima e insegurança na vinculação romântica. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que não encontraram diferenças no bem-estar geral de indivíduos de famílias divorciadas e nucleares/intactas (Brennan & Shaver, 1993; Hazan & Shaver, 1987). Melo e Mota (2014), no seu estudo, relativamente à análise das diferenças dos protótipos de vinculação em função da configuração familiar não observaram diferenças significativas. Verificaram, assim, que os padrões de vinculação estabelecidos nos primeiros anos de vida estavam principalmente relacionados com a qualidade das relações entre pais e filhos, e não propriamente com as

diferentes configurações familiares. Também o estudo de Sobral, Almeida e Costa (2010) corrobora estes resultados, em que as autoras não encontraram diferenças na qualidade da vinculação amorosa em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas, o que significa que a configuração familiar não parece ter influência directa na qualidade da vinculação amorosa em jovens adultos.

No entanto, no estudo de Johnston e Thomas (1996), já anteriormente mencionado, verificou-se que filhos de pais divorciados possuem uma falta geral de confiança quando se trata de relacionamentos íntimos e casamento. Assim, filhos de pais divorciados, em adultos são mais propensos do que adultos de famílias intactas e de baixo conflito a experimentar níveis mais baixos de confiança nos seus relacionamentos e com os seus parceiros. Como resultado, os relacionamentos íntimos são prejudicados devido ao medo de rejeição e falta de confiança. Estes resultados são corroborados por vários estudos que verificaram que os filhos de pais divorciados, relativamente aos seus relacionamentos românticos, endossam a falta de confiança nas relações íntimas e no casamento (King, 2002), tendo menos expectativas para um casamento bem-sucedido (Amato, 1988; Franklin, Janoff-Bulman & Roberts, 1990).

A falta de acordo nos resultados de estudos referentes à existência, ou não, de diferenças na qualidade da vinculação amorosa em filhos de pais divorciados ou filhos de famílias nucleares leva a que se formule a segunda hipótese deste estudo:

Hipótese 2 – Existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa em função de serem filhos de pais separados/divorciados ou filhos de famílias nucleares.

No estudo de Melo e Mota (2014), que tinha como objectivo analisar em que medida os indivíduos distribuídos pelos diferentes protótipos de vinculação apresentam diferenças no que concerne ao género, idade e configuração familiar, assim como diferenças no bem-estar psicológico e desenvolvimento de psicopatologia, verificou-se que, relativamente ao género, o género feminino tinha predominância nos protótipos seguro, preocupado e amedrontado, enquanto no género masculino prevalecia o protótipo desinvestido.

Granja e Mota (2018), no seu estudo, verificaram a presença de diferenças estatisticamente significativas da vinculação amorosa relativamente ao género, verificando que os homens apresentam níveis mais elevados de evitamento e ambivalência do que as mulheres, que detêm níveis mais elevados de confiança. Consequentemente, as mulheres mostram-se mais disponíveis, desejando uma maior proximidade com o par romântico. Com base nestes resultados formulou-se a terceira hipótese deste estudo:

Hipótese 3 – Existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa entre o sexo feminino e masculino.

Relativamente à idade da criança no momento do divórcio dos pais os resultados também não são congruentes entre si, levando a formular a quarta hipótese deste estudo. Por um lado, estudos indicam que quanto mais jovem for a criança no momento do divórcio, mais problemas a pessoa apresentará nos seus relacionamentos íntimos na idade adulta, tendo mais consequências negativas no desenvolvimento da confiança nas relações futuras (Hetherington, Cox & Cox, 1979; King, 2002; Oderberg, 1986; Rusbult, Wieselquist, Foster & Witcher, 1999). Outros estudos, por sua vez, indicam que as crianças com menos idade sofrem menos traumas a longo prazo porque se lembram menos (Wallerstein, 1984).

Hipótese 4 – Existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa em função da idade dos filhos no momento do divórcio parental.

IV. Método

4.1. Participantes

O presente estudo, de cariz correlacional e comparativo, envolve uma amostra inicial de 310 participantes. No entanto, foi definido como critério de exclusão os sujeitos que não estivessem actualmente numa relação amorosa. Nesse sentido, a presente investigação tem 227 participantes jovens adultos, 197 do sexo feminino e 30 do sexo masculino (Tabela 1), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos (Tabela 2), em que a média de idades é de 25.65 anos (DP=3.461). A amostra foi seleccionada segundo um formato de conveniência e seguindo um efeito *bola de neve*.

Tabela 1 - Distribuição da Amostra por Género

Género	Frequência	Percentagem
Masculino	30	13,2
Feminino	197	86,8
Total	227	100,0

Tabela 2 - Distribuição da Amostra por Idade

Idade	Percentagem
18	1,8
19	1,3
20	6,2
21	7,5
22	7,0
23	7,9
24	3,5
25	7,9
26	9,7
27	7,9
28	11,9
29	11,5
30	15,9
Total	100,0

Todos os participantes deste estudo estão numa relação amorosa, no entanto, relativamente ao estado civil dos participantes (Tabela 3), 66,5% são solteiros, 22,9% estão em

união de facto e 10,6% são casados. A maior parte destes sujeitos (26,9%) encontra-se numa relação entre 2 anos e 1 mês e 4 anos.

Tabela 3 - Distribuição da Amostra por Estado Civil e Duração da Relação

Variáveis	Percentagem
Estado civil	
Solteiro	66,5
Casado	10,6
União de facto	22,9
Total	100,0
Duração da Relação	
[1 mês a 11 meses]	12,3
[1 ano a 2 anos]	20,3
[2 anos e 1 mês a 4 anos]	26,9
[4 anos e um mês a 6 anos]	16,7
[6 anos e 1 mês a 8 anos]	13,2
[+ de 8 anos]	10,6
Total	100,0

Destes jovens adultos, 33,9% são estudantes, 63,5% encontram-se a trabalhar e 2,6% estão actualmente numa situação de desemprego. Relativamente às habilitações académicas, 3,1% dos 227 participantes têm entre o 9º ano e o 11º ano, 28,2% têm o 12º ano, 32,2% têm a licenciatura, 35,2% têm o mestrado e 1,3% têm o doutoramento (Tabela 4).

Tabela 4 - Características Sócio-Demográficas da Amostra

	Percentagem
Habilitações Literárias	
9º Ano a 11º Ano	3,1
12º Ano	28,2
Licenciatura	32,2
Mestrado	35,2
Doutoramento	1,3
Total	100,0
Situação Profissional	
Estudante	33,9
Trabalhador	63,5
Desempregado	2,6
Total	100,0

Dos 227 participantes deste estudo, 89% respondeu ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) a pensar nos dois progenitores, 7% a pensar exclusivamente na mãe, 1,8% a pensar mais na mãe em detrimento do pai e apenas 0,9% respondeu ao questionário a pensar exclusivamente no pai (tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição da Amostra segundo o familiar em quem o sujeito pensou ao responder ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

	Percentagem
Respondeu a este questionário a pensar na sua mãe e no seu pai?	
Sem resposta	1,3
Sim, nos dois	89,0
Apenas na mãe	7,0
Apenas no pai	,9
Mais na mãe	1,8
Total	100,0

Como se pode verificar pela tabela 6, dos 227 sujeitos, 29,1% (n=66) são filhos de pais divorciados e 70,9% (n=161) filhos de pais casados. Dos 66 participantes deste estudo, filhos de pais divorciados, 28,8% passaram pelo momento do divórcio parental quando tinham entre 0 e 2 anos; 18,2% tinham entre 3 a 6 anos; 9,1% tinham entre 7 e 9 anos; 37,9% entre 10 e 19 anos e 6,1% dos participantes já eram jovens adultos aquando o divórcio parental. 51,5% consideram que o divórcio parental foi conflituoso, 27,3% amigável, 10,6% litigioso e 10,6% afirmam que não se recordam.

De entre os filhos de pais divorciados, 86,4% ficou a viver com a mãe após o divórcio, 6,1% com os dois progenitores (guarda partilhada), 3% com o pai e 4,5% com outros (avós). Após o divórcio parental, 19,7% dos sujeitos não manteve contacto com o progenitor com o qual não ficou a viver.

Tabela 6 - Distribuição da Amostra pela Configuração Familiar

	Percentagem
É filho de pais separados/divorciados:	
Sim	29,1
Não	70,9
Total	100,0
Para si, como considera que foi o divórcio entre os seus pais:	
Amigável	27,3
Conflituoso	51,5
Litigioso	10,6
Outro (não se lembram)	10,6
Total	100,0
Idade no momento do divórcio	
0 a 2 anos	28,8
3 a 6 anos	18,2
7 a 9 anos	9,1
10 a 19 anos	37,9
Jovem adulto	6,1
Total	100,0
Após o divórcio ficou a viver com:	
Mãe	86,4
Pai	3,0
Os dois, Guarda Partilhada	6,1
Outro (avós)	4,5
Total	100,0
Após o divórcio dos seus pais continuou a manter contacto com o progenitor com o qual não ficou a viver?	
Não	19,7
Sim	80,3
Total	100,0

Uma vez que se tratará de um estudo comparativo serão formados quatro grupos: um grupo de filhos de pais divorciados; outro grupo com filhos de famílias intactas/nucleares; um grupo com amostra feminina e outro grupo com a amostra masculina.

4.2. Instrumentos

O Questionário Sócio-Demográfico (Gouveia-Pereira, M. & Mota, S., 2017) é um questionário de auto-preenchimento construído para descrever variáveis sócio-demográficas e relacionais da amostra como por exemplo: género, idade, estado civil, habilitações literárias, profissão, constituição do agregado familiar; como caracteriza/define a sua relação com os seus pais?; idade do indivíduo no momento do divórcio dos pais; para si, como considera que foi o divórcio entre os seus pais ('amigável', conflituoso, litigioso, outro: qual?); após o divórcio dos seus pais continuou a manter contacto com o progenitor com o qual não ficou a viver? Com que frequência?

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001, versão revista) é um instrumento de auto-relato criado com o objectivo de avaliar as representações de vinculação na relação com as figuras parentais. Este instrumento, construído com base teórica nos trabalhos de Bowlby e Ainsworth, permite aceder à vinculação quer numa abordagem dimensional, como numa abordagem prototípica, tendo em conta os quatro padrões de vinculação de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991. Na sua versão actual, o instrumento é composto por 30 itens, divididos em torno de uma estrutura de três factores constituídos por dez itens cada: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI, 10 itens) (pai: M= 2.41; DP=.892; α =.840; mãe: M= 2.61; DP=.986; α =.884) que visa avaliar a percepção de restrições à expressão da individualidade própria ("Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas"); Qualidade do Laço Emocional (QLE, 10 itens) (pai: M=4.81; DP=1.312; α =.960; mãe: M=5.24; DP=.895; α =.939), que pretende avaliar a importância das figuras parentais enquanto figuras de vinculação, percebidas como essenciais e insubstituíveis no desenvolvimento do indivíduo, a quem este recorrerá em situações de dificuldade e com as quais se desenvolve um sentido de continuidade relacional ("Confio nos meus pais para me apoiarem nos momentos difíceis da minha vida"); Ansiedade de Separação e Dependência (ASD, 10 itens) (pai: M=2.82; DP=1.031; α =.880; mãe: M=3.12; DP= 1.020; α =.872) que indica uma experiência de ansiedade e de medo da separação das figuras de vinculação, tornando-se numa relação de dependência ("Só consigo enfrentar situações novas se os meus

pais estiverem comigo”). Os itens estão apresentados numa escala do tipo Likert de seis pontos que varia de acordo com as seguintes alternativas: *Discordo totalmente, Discordo, Discordo moderadamente, Concordo moderadamente, Concordo, Concordo totalmente*. A cada alternativa de resposta é atribuída uma pontuação, de 1 a 6 respectivamente, constituindo a média da dimensão o somatório dos itens pertencentes à dimensão a dividir por 10.

O instrumento neste trabalho apresenta valores de consistência interna (*alpha* de *Cronbach*) das dimensões bastante adequados, entre 0.84 e 0.96 para as dimensões referentes à mãe, e entre 0.88 e 0.94 para as dimensões que correspondem ao pai, o que garante que cada um dos itens se correlaciona com aqueles que teoricamente lhe estão adjacentes numa escala ou subescala.

O *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)*, construída e desenvolvida para a população portuguesa por Matos, Barbosa & Costa (2001), versão reduzida) é um instrumento de auto-relato que tem como objectivo de avaliar as percepções dos jovens adultos acerca das suas relações românticas, bem como ilustrar os quatro estilos de vinculação amorosa definidos por Bartholomew (Seguro, Preocupado, Amedrontado e Desinvestido). O instrumento é composto por 25 itens distribuídos por quatro dimensões: Confiança (6 itens) (M=4.69; DP=.507; α =.633) que procura avaliar a percepção do sujeito no que diz respeito à responsividade e à sensibilidade do companheiro para satisfazer as necessidades do indivíduo, ou seja, se o companheiro é percebido como fonte de conforto e apoio (“Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas.”); Dependência (6 itens) (M=3.44; DP=1.036; α =.776) que visa avaliar quer a necessidade do indivíduo em procurar proximidade (física e emocional), quer a manifestação de ansiedade de separação e o medo de perder o par amoroso (“Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.”); Evitamento (6 itens) (M=2.06; DP=.759; α =.774) quando o sujeito se centra em si próprio e na sua competência para solucionar problemas e, desta forma, o companheiro assume um papel secundário nas suas necessidades de vinculação (“Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o).”); Ambivalência (7 itens) (M=2.21; DP=.845; α =.823) visa demonstrar a insegurança do indivíduo e a sua dúvida relativamente ao seu papel enquanto figura amorosa e às emoções sentidas face ao companheiro, manifestando irritabilidade face a situações inesperadas (“Às vezes acho que ela(e) é fundamental na minha vida, outras vezes não.”). Os itens estão apresentados numa escala do tipo Likert de seis pontos, que varia de acordo com as seguintes alternativas: *Discordo totalmente, Discordo, Discordo moderadamente, Concordo moderadamente, Concordo, Concordo totalmente*.

A confiabilidade das subescalas do QVPM e do QVA foram examinadas pelo *alpha de Cronbach* através do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 25). Observam-se médias e desvios-padrão dentro dos limites aceitáveis, com valores de *alpha de Cronbach* variando entre moderado e elevado em relação às dimensões.

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe é composto por três dimensões e o questionário de Vinculação Amorosa é composto por quatro dimensões, no entanto com Bartholomew é ainda possível trabalhar a vinculação de outro modo, criando tipologias de vinculação através de *clusters*. Assim, através de procedimentos de análise de *clusters* transformaremos as dimensões dos respectivos questionários nos estilos de vinculação de Bartholomew (1991).

4.3. Construção de Clusters

Com o objectivo de verificarmos os protótipos de vinculação desenvolvidos por Bartholomew para as dimensões avaliadas pelo QVPM (Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe) e pelo QVA (Questionário de Vinculação Amorosa), realizou-se procedimentos estatísticos de análise de *clusters* não-hierárquico, através do método *K_Means*. O manual desenvolvido por Gouveia e Matos (2011) serviu de base para a interpretação dos resultados relativamente ao QVPM. Em relação ao QVA, a sua análise será feita com base nos estudos de Matos, Barbosa e Costa (2001). Os *clusters* foram denominados de Seguro, Preocupado, Amedrontado e Desinvestido, de acordo com o modelo de Bartholomew (1990).

Tabela 7 – Análise de clusters do QVPM – versão pai

<i>Dimensões</i>	<i>Clusters</i>			
	<i>Cluster 1</i>	<i>Cluster 2</i>	<i>Cluster 3</i>	<i>Cluster 4</i>
	Seguro (N = 90)	Preocupado (N = 86)	Amedrontado (N = 29)	Desinvestido (N = 22)
Inibição da Exploração e Individualidade	2,39	2,23	3,59	1,66
Qualidade do Laço Emocional	5,23	5,60	3,22	2,08
Ansiedade de Separação e Dependência	2,47	3,87	1,87	1,42

Tabela 8 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters (QVPM - Pai)

<i>Género</i>	<i>Clusters</i>			
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido
Feminino	78 (79.0)	74 (73.8)	25 (25.2)	20 (19.1)
Masculino	13 (12.0)	11 (11.2)	4 (3.8)	2 (2.9)

Nota: Os valores destacados a “Bold”, indicam valores acima dos esperados. Os valores entre parêntesis, indicam os valores esperados.

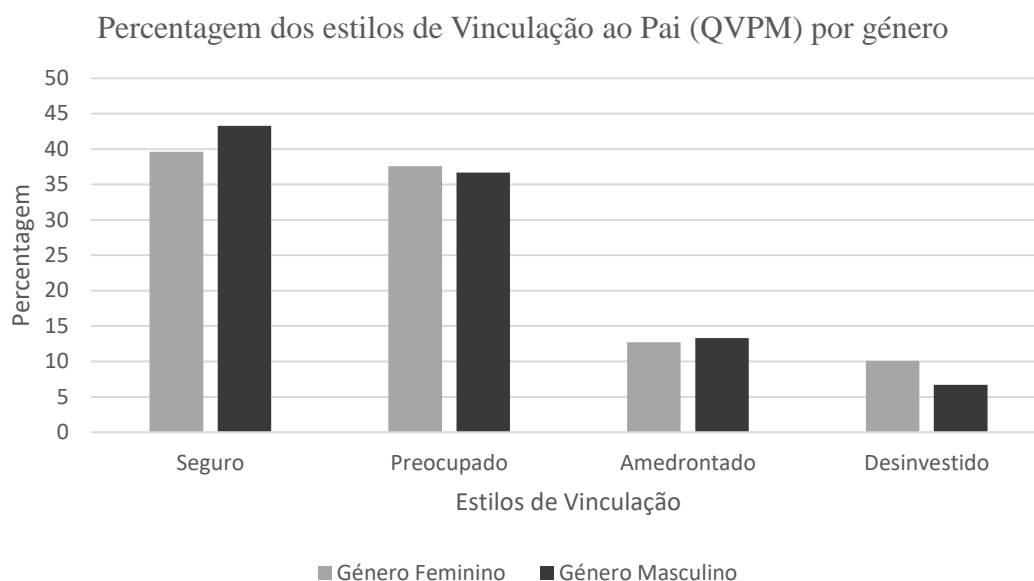


Figura 1 – Percentagem dos Estilos de Vinculação ao Pai (QVPM) por Género

Após a construção dos *clusters*, relativamente ao pai (tabela 7), observa-se, no *cluster 1* valores elevados de Qualidade do Laço Emocional e valores relativamente baixos de Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação e Dependência, sugerindo assim o protótipo de Vinculação Seguro (39.6% raparigas; 43.3% rapazes).

O *cluster 2* refere-se ao protótipo de Vinculação Preocupado (37.6% raparigas; 36.7% rapazes), uma vez que se observam valores elevados de Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência e valores relativamente baixos de Inibição da Exploração e Individualidade.

O *cluster 3* sugere o protótipo de Vinculação Amedrontado (12.7% raparigas; 13.3% rapazes), apresentando valores relativamente elevados de Inibição da Exploração e Individualidade.

No *cluster 4* observa-se os valores mais baixos de Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência, sugerindo assim o protótipo de Vinculação Desinvestido (10.1% raparigas; 6.7% rapazes).

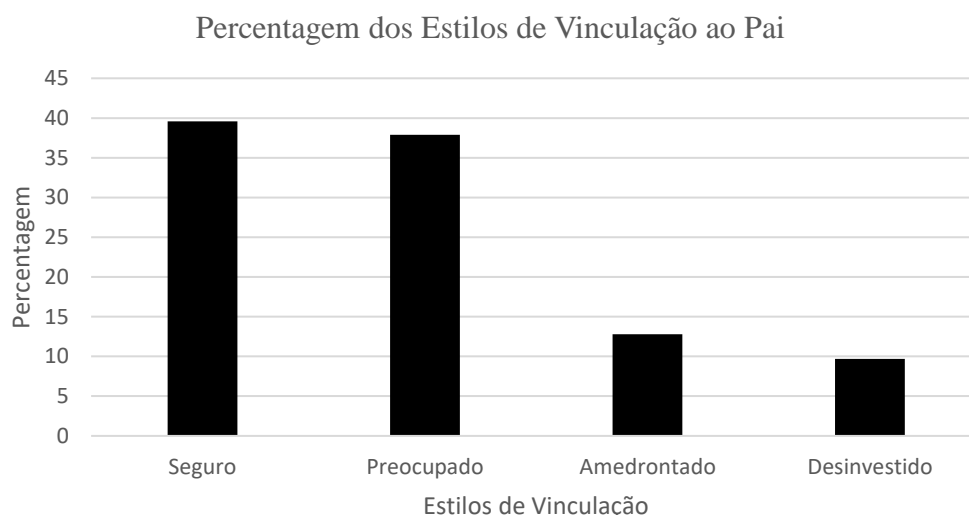


Figura 2 – Percentagem dos Estilos de Vinculação ao Pai

Na vinculação paterna (figura 2), observa-se uma maior média de sujeitos Seguros (39.6%), seguido por sujeitos Preocupados (37.9%), Amedrontados (12.8%) e, em menor quantidade, verificam-se os sujeitos Desinvestidos (9.7%). Desta forma, a amostra deste estudo é pautada maioritariamente por sujeitos que possuem um modelo positivo em relação a figura paterna, representada pelos sujeitos seguros e preocupados (77.5%).

Tabela 9 – Análise de clusters do QVPM – versão mãe

<i>Dimensões</i>	<i>Clusters</i>			
	<i>Cluster 1</i>	<i>Cluster 2</i>	<i>Cluster 3</i>	<i>Cluster 4</i>
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido
	(N = 127)	(N = 57)	(N = 26)	(N = 17)
Inibição da Exploração e Individualidade	2,19	2,76	4,44	2,45
Qualidade do Laço Emocional	5,53	5,64	3,85	3,81
Ansiedade de Separação e Dependência	2,93	4,44	2,04	1,76

Tabela 10 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters (QVPM - Mãe)

Género	Clusters			
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido
Feminino	108 (110.2)	52 (49.5)	24 (22.6)	13 (14.8)
Masculino	19 (16.8)	5 (7.5)	2 (3.4)	4 (2.2)

Nota: Os valores destacados a “Bold”, indicam valores acima dos esperados. Os valores entre parêntesis, indicam os valores esperados.

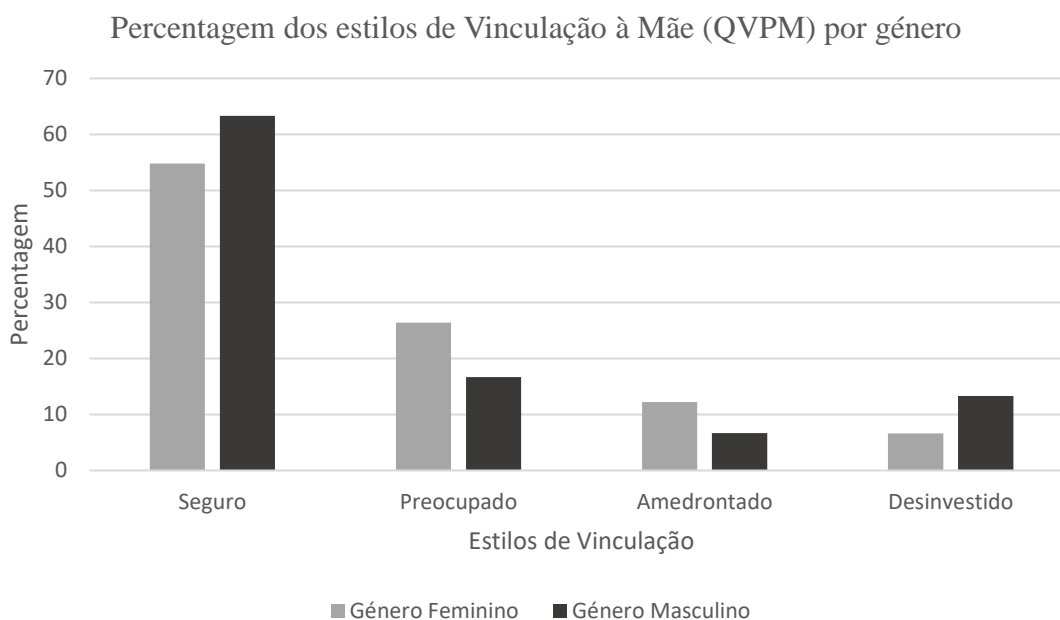


Figura 3 – Percentagem dos estilos de Vinculação à Mãe (QVPM) por género

Segundo os resultados da análise da tabela 9 e 10, o *cluster 1* é caracterizado pelos sujeitos Seguros (54.8% raparigas; 63.3% rapazes), uma vez que apresentam médias elevadas de Qualidade do Laço Emocional e médias relativamente baixas de Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação e Dependência.

O *cluster 2* é caracterizado pelos sujeitos Preocupados (26.4% raparigas; 16.7% rapazes), uma vez que apresentam médias elevadas de Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência e valores moderados de Inibição da Exploração e Individualidade.

O *cluster* 3 refere-se ao protótipo de vinculação Amedrontado (12.2% raparigas; 6.7% rapazes), apresentando valores elevados de Inibição da Exploração e Individualidade.

O *cluster* 4 apresenta as médias mais baixas de Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência em comparação com os restantes *clusters*, parecendo identificar o protótipo de vinculação Desinvestido (6.6% raparigas; 13.3% rapazes).

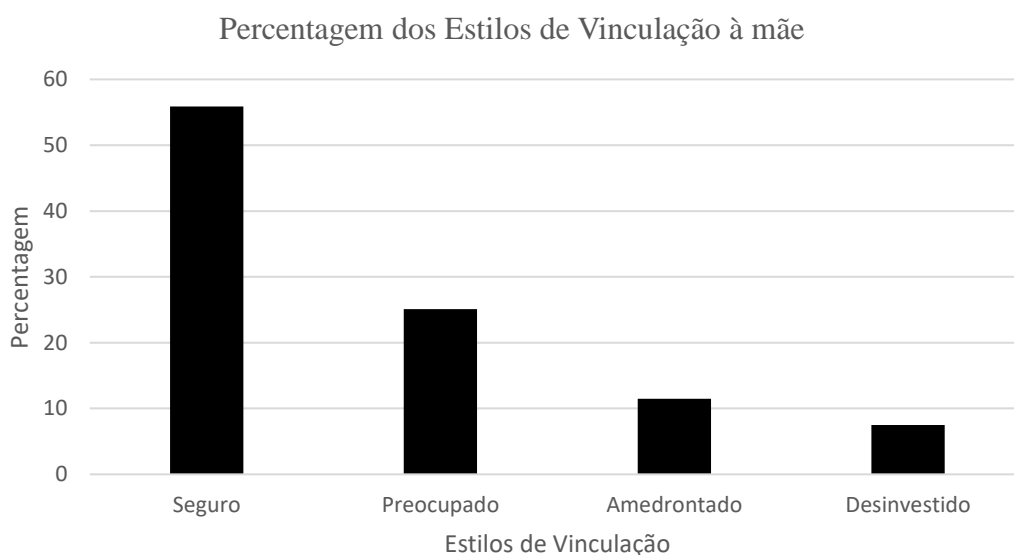


Figura 4 – Percentagem dos Estilos de Vinculação à mãe

Relativamente à vinculação materna (figura 4), verifica-se um grande destaque para os sujeitos Seguros que apresentam 55.9% da amostra deste estudo, seguido por sujeitos Preocupados (25.1%), Amedrontados (11.5%) e, por último, em menor quantidade, verificam-se os sujeitos Desinvestidos (7.5%). Neste sentido, a amostra deste estudo é pautada maioritariamente por sujeitos que possuem um modelo positivo em relação a figura materna, representada pelos sujeitos seguros e preocupados (81%). Embora se verifique uma percentagem de sujeitos com uma vinculação segura à mãe (55.9%) superior à da vinculação segura ao pai (39.6%), observam-se valores relativamente próximos aos protótipos encontrados na vinculação paterna (figura 2), sugerindo que a amostra do presente estudo apresenta semelhanças no tipo de vinculação desenvolvida tanto com o pai como com a mãe.

Tabela 11 – Análise de clusters do QVA

Dimensões	Clusters			
	Cluster 1 Seguro (N = 103)	Cluster 2 Preocupado (N = 78)	Cluster 3 Amedrontado (N = 20)	Cluster 4 Desinvestido (N = 26)
Confiança	4,76	4,94	3,77	4,38
Dependência	2,87	4,59	3,23	2,40
Evitamento	1,97	1,57	2,65	3,40
Ambivalência	2,04	1,80	3,91	2,77

Os resultados da análise da tabela 11 parecem apontar para a possibilidade de os *clusters* serem interpretados de acordo com os quatro protótipos propostos. Desta forma o *cluster 1* é caracterizado pelos sujeitos Seguros (46.2% raparigas; 40% rapazes), uma vez que apresentam médias elevadas de Confiança, valores moderados de Dependência, médias relativamente baixas de Ambivalência e valores baixos de Evitamento.

O *cluster 2* é pautado por médias mais elevadas de Confiança e Dependência, bem como médias mais baixas de Evitamento e Ambivalência, referindo-se assim ao protótipo de vinculação Preocupado (34% raparigas; 36.6% rapazes). Estes sujeitos demonstram uma maior confiança no outro enquanto figura de vinculação e, conseqüentemente, uma grande dependência relativamente ao parceiro amoroso.

O *cluster 3* refere-se ao protótipo de vinculação Amedrontado (9.1% raparigas; 6.7% rapazes), distinguindo-se dos restantes pelas médias mais elevadas de Ambivalência e apresentando médias relativamente elevadas nas dimensões Confiança e Dependência. Estes indivíduos desejam a intimidade, no entanto, por desconfiarem dos outros, temem-na e, conseqüentemente, como medo de serem rejeitados, evitam envolver-se.

O *cluster 4* é caracterizado pelos sujeitos Desinvestidos (10.7% raparigas; 16.7% rapazes), uma vez que apresentam as médias mais baixas de Dependência e as médias mais elevadas de Evitamento. Estes sujeitos têm um modelo positivo de si e negativo do outro, apresentando-se excessivamente distantes das relações, desvalorizando-as.

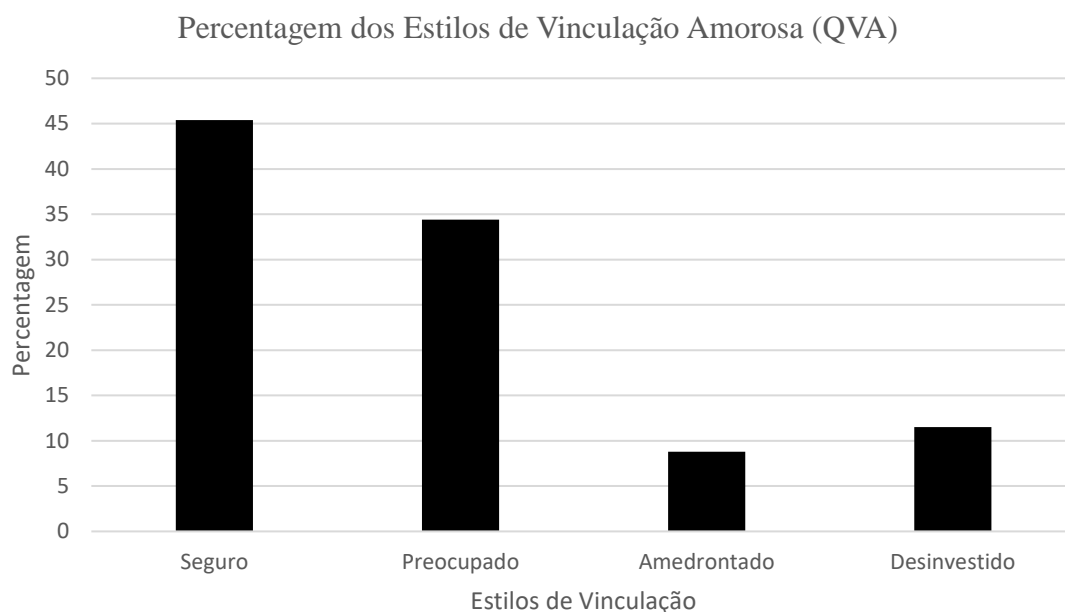


Figura 5 – Percentagem dos Estilos de Vinculação Amorosa (QVA)

No que concerne à Vinculação Amorosa (figura 5), a amostra do presente estudo apresentou uma média maior de sujeitos Seguros (45.4%), seguido de sujeitos Preocupados (34.4%), Desinvestidos (11.5%) e Amedrontados (8.8%). Contrariamente ao que se verificou nos protótipos de vinculação desenvolvida tanto com o pai como com a mãe, na vinculação amorosa verificou-se um aumento, embora que ligeiro, de sujeitos Desinvestidos. No entanto, a amostra deste estudo é pautada maioritariamente por sujeitos que possuem um modelo positivo em relação ao parceiro amoroso, representada pelos sujeitos seguros e preocupados (79.8%).

4.4. Procedimento

Tratando-se de um estudo de natureza transversal, a recolha de dados decorreu entre 17 de Março e 25 de Maio de 2018.

O estudo foi promovido através de plataformas eletrónicas, incluindo sobretudo grupos e páginas de *facebook*. Os questionários preenchidos *online* possuem o anonimato e confidencialidade garantidos. Foram preenchidos um total de 310 questionários, sendo que 83 foram excluídos por não estarem actualmente numa relação amorosa. Depois de se ter terminado a recolha de dados, construiu-se a base de dados, procedendo-se ao tratamento dos mesmos, utilizando o Software IBM SPSS Statistics 25, com a finalidade de verificar as qualidades psicométricas dos instrumentos e a veracidade das hipóteses colocadas,

considerando uma probabilidade de erro de tipo I, $\alpha = 0.05$. A partir do teste de Kolmogorov-Smirnov ($n > 50$) foi testada a normalidade da distribuição dos dados, que não se verificou; calculou-se também as medidas de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*) dos dados dos elementos da amostra em torno da média (-2 e +2), não se verificando o pressuposto da normalidade (Coelho & Cunha, 2008).

V. Resultados

5.1. Correlações entre a Vinculação Parental e Vinculação Amorosa

Com o objectivo de confirmar ou infirmar as hipóteses em estudo, tentou-se compreender qual a relação entre a vinculação à mãe e ao pai e a vinculação ao parceiro amoroso. Primeiramente testou-se o pressuposto da normalidade e uma vez que o mesmo não foi verificado as correlações entre as variáveis foram realizadas através do coeficiente de correlação de Spearman (tabela 12).

Tabela 12 – Análise de correlação entre as Escalas do QVPM (Pai e Mãe) e do QVA

	Pai_QVPM	Mãe_QVPM	QVA
Pai_QVPM	-		
Mãe_QVPM	,609**	-	
QVA	,032	,186**	-

Nota: **. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Relativamente ao pai, verifica-se que o valor de correlação de Spearman ($r_s = 0.032$) não é estatisticamente significativo, logo a vinculação ao pai não está correlacionada com a vinculação amorosa ($\rho_2 - \rho_1 \geq 0$), contrariamente ao que se pode verificar no que concerne à vinculação à mãe, em que o valor da correlação de Spearman ($r_s = 0.186$) é estatisticamente significativo, logo o tipo de vinculação à mãe prediz o tipo de vinculação ao parceiro amoroso. Neste sentido, confirma-se parte da primeira hipótese deste estudo.

No sentido de explorar mais aprofundadamente esta relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a vinculação ao par amoroso, realizou-se a análise de correlação entre as dimensões da vinculação ao pai e as dimensões de vinculação ao par amoroso, bem como entre as dimensões da vinculação à mãe e as dimensões de vinculação ao par amoroso (tabela 13 e 14).

Relativamente à vinculação ao pai (tabela 13), a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade apresentou correlação negativa significativa com a Confiança e correlação positiva com a dimensão Evitamento e Ambivalência na relação amorosa. Verificou-se que a Qualidade do Laço Emocional ao pai correlaciona-se significativamente de forma negativa com a dimensão Ambivalência do Questionário de Vinculação Amorosa. A dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao pai apresentou correlação positiva significativa com a dimensão Dependência do Questionário de Vinculação Amorosa.

Tabela 13 – Análise de correlação entre as dimensões da Vinculação ao Pai e as dimensões do QVA.

	1	2	3	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
1 - Inibição da Exploração e Individualidade	-						
2 - Qualidade do Laço Emocional	-.241**	-					
3 -Ansiedade de Separação e Dependência	ns	.668**	-				
Confiança	-.179**	ns	ns	-			
Dependência	ns	ns	.156*	.369**	-		
Evitamento	.148*	ns	ns	-.390**	-.501**	-	
Ambivalência	.145*	-.143*	ns	-.652**	-.322**	.553**	-

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;

Relativamente à mãe (tabela 14), a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade apresentou correlação negativa significativa com a Confiança na relação amorosa. Verificou-se que a Qualidade do Laço Emocional à mãe correlaciona-se significativamente de forma positiva com a Confiança e de forma negativa com o Evitamento. Também a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à mãe apresentou correlação positiva significativa com a dimensão Dependência do Questionário de Vinculação Amorosa.

Tabela 14 – Análise de correlação entre as dimensões da Vinculação à Mãe e as dimensões do QVA.

	1	2	3	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
1 - Inibição da Exploração e Individualidade	-						
2 - Qualidade do Laço Emocional	-.439**	-					
3 -Ansiedade de Separação e Dependência	-.152*	.604**	-				
Confiança	-.155*	.163*	ns	-			
Dependência	ns	ns	.257**	.369**	-		
Evitamento	ns	-.141*	ns	-.390**	-.501**	-	
Ambivalência	ns	ns	ns	-.652**	-.322**	.553**	-

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;

5.2. Efeito do divórcio parental sobre a (o tipo de) vinculação ao par amoroso

Com o objectivo de verificar se existem diferenças significativas na qualidade de vinculação amorosa entre o grupo de filhos de pais separados e o grupo de filhos provenientes de famílias nucleares recorreu-se ao teste não paramétrico *Mann Whitney*, verificando que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($p\text{-value}=0.491 > 0.05$) (Anexo G). Recorrendo ao teste de dependência do Qui-quadrado (tabela 15), verifica-se que não existe associação entre os padrões de vinculação ao par amoroso e o divórcio dos pais ($\chi^2(3)= 3.113$, $p=\text{ns}$), não confirmando assim a segunda hipótese deste estudo.

Tabela 15 - Qui-Quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	3.113 ^a	3	,375

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 5,81.

Tabela 16 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters do QVA

<i>Clusters</i>				
É filho de pais divorciados?	<i>Cluster 1</i>	<i>Cluster 2</i>	<i>Cluster 3</i>	<i>Cluster 4</i>
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido
Sim	31 (29.9)	26 (22.7)	3 (5.58)	6 (7.6)
Não	72 (73.1)	52 (55.3)	17 (14.2)	20 (18.4)

Nota: Os valores destacados a “Bold”, indicam valores acima dos esperados. Os valores entre parêntesis, indicam os valores esperados.

Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) segundo a Configuração Familiar

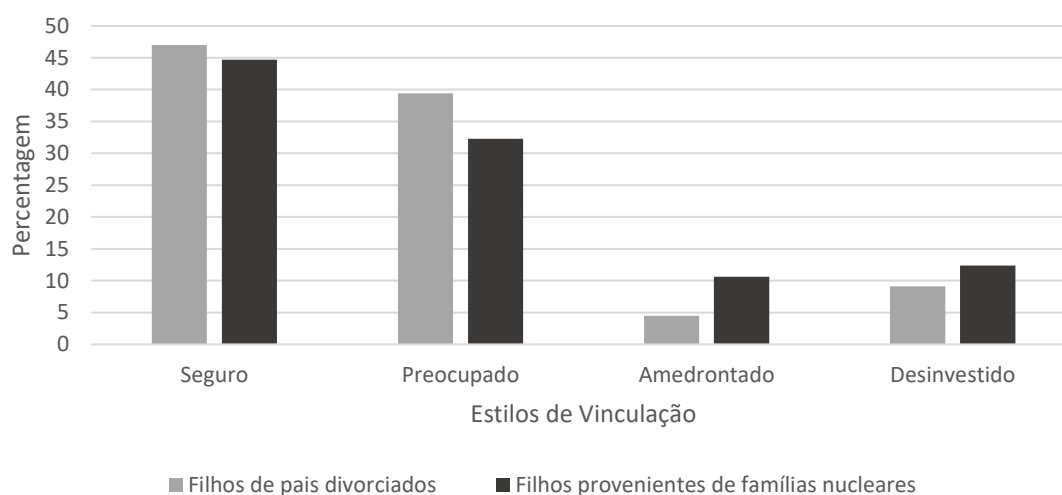


Figura 6 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) segundo a Configuração Familiar

Embora não se verifiquem diferenças significativas entre os dois grupos é possível verificar que os filhos de pais divorciados da presente amostra, em comparação com os filhos provenientes de famílias nucleares, apresentam uma maior percentagem de sujeitos seguros (47%), seguido de sujeitos preocupados (39.4%) relativamente ao parceiro amoroso (figura 6).

5.3. Vinculação Amorosa e Género

Com o objectivo de verificar se existem diferenças significativas na qualidade de vinculação amorosa entre o género feminino e o género masculino recorreu-se ao teste não paramétrico *Mann Whitney*, verificando que não existem diferenças estatisticamente significativas ente os dois grupos ($p\text{-value}=0.254 > 0.05$) (Anexo H).

Na tabela 17, análise *Qui-Quadrado* da amostra, e na figura 7 é possível verificar que o género parece não ter influência nas quatro dimensões de Bartholomew ($\chi^2(3)= 1.274, p=\text{ns}$), observando que tanto o género feminino como o género masculino da presente amostra são maioritariamente Seguros relativamente ao parceiro amoroso, apresentando um modelo positivo tanto do *self* como do outro, nesse sentido não se confirma a terceira hipótese deste estudo.

Tabela 17 - Qui-Quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	1.274 ^a	3	,735

a. 2 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,64.

Tabela 18 – Análise Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta o género e os quatro clusters da Vinculação Amorosa (QVA)

Género	Clusters			
	Seguros	Preocupados	Amedrontados	Desinvestidos
Feminino	91 (89.4)	67 (67.7)	18 (17.4)	21 (22.6)
Masculino	12 (13.6)	11 (10.3)	2 (2.6)	5 (3.4)

Nota: Os valores destacados a “Bold”, indicam valores acima dos esperados. Os valores entre parêntesis, indicam os valores esperados.

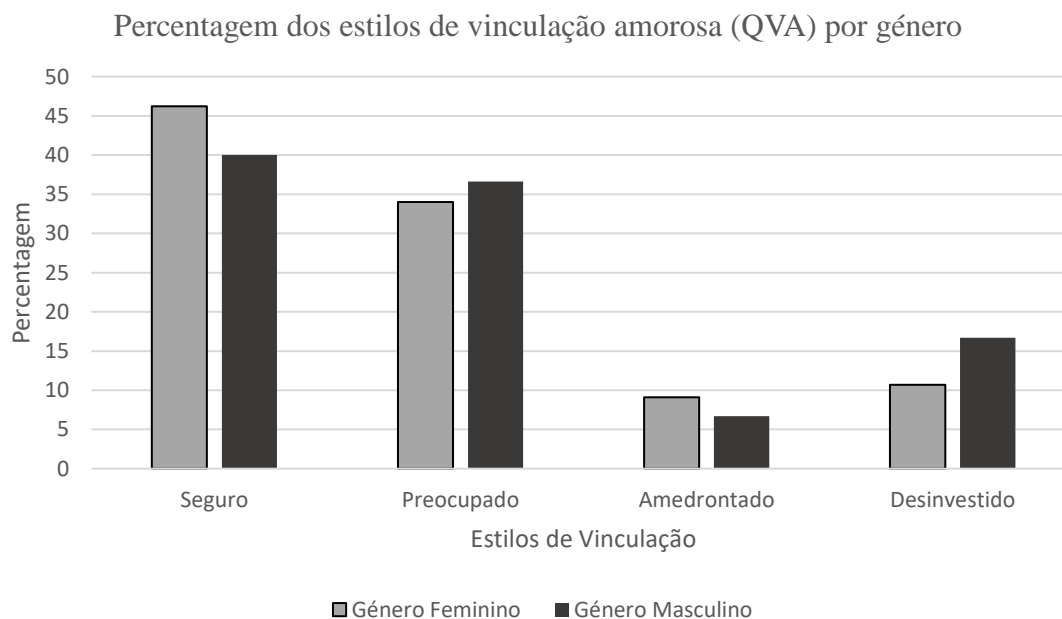


Figura 7 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) por género

Segundo a figura 7, verifica-se, em comparação com o género masculino, uma percentagem superior de sujeitos femininos no protótipo Seguro (46.2%) e Amedrontado (9.1%). Por outro lado, o género masculino da presente amostra assume percentagens superiores, em comparação com o género feminino, nos protótipos de vinculação Preocupado (36.6%) e Desinvestido (16.7%).

5.4. Idade dos filhos no momento do divórcio dos pais e Vinculação Amorosa

Com o objectivo de verificar se existem diferenças significativas na qualidade de vinculação amorosa entre as diferentes idades no momento do divórcio recorreu-se ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*, verificando que não existem diferenças estatisticamente significativas ente os dois grupos ($p\text{-value}=0.743 > 0.05$) (Anexo I).

Os primeiros estádios de desenvolvimento de Piaget (sensorio-motor, pré-operatório e operatório concreto) serviram de base para a constituição dos três primeiros grupos. O quarto grupo (dos 10-19 anos) foi constituído tendo em consideração a definição de adolescência pela Organização Mundial de Saúde (OMS), bem como as cinco fases da adolescência de Blos (1980) – pré-adolescência, adolescência inicial, adolescência, adolescência tardia e pós-adolescência. O quinto e último grupo (idade adulta) diz respeito aos sujeitos que tinham entre 20 e 24 anos quando ocorreu o divórcio parental.

Segundo a análise do *Qui-Quadrado* da amostra (tabela 18) é possível verificar que a idade no momento do divórcio parece não ter influência nas quatro dimensões de Bartholomew ($\chi^2(3)= 7.640, p=ns$), observando que independentemente da etapa de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra no momento do divórcio parental, a prevalência é de sujeito seguros (47%), seguido de sujeitos preocupados (39.4%), sujeitos desinvestidos (9.1%) e sujeitos amedrontados (4.5%), como se pode verificar pela tabela 19 e pela figura 8. Nesse sentido não se confirma a quarta hipótese deste estudo.

Tabela 18 - *Qui-Quadrado*

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	7.640 ^a	3	,813

a. 15 células (75,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,18.

Tabela 19 - Tabela Cruzada, tendo em conta a idade no momento do divórcio e os quatro clusters do estilos de vinculação amorosa (QVA)

Idade no momento do divórcio		0-2a	3-6a	7-9a	10-19a	Idade Adulta	Total	
Clusters	1-Seguro	Contagem Porcentagem	8 42.1%	5 41.7%	4 66.7%	12 48%	2 50%	31 47%
	2-Preocupado	Contagem Porcentagem	8 42.1%	5 41.7%	1 16.7%	11 44%	1 25%	26 39.4%
	3-Amedrontado	Contagem Porcentagem	2 10.5%	0 0%	0 0%	1 4%	0 0%	3 4.5%
	4-Desinvestido	Contagem Porcentagem	1 5.3%	2 16.7%	1 16.7%	1 4%	1 25%	6 9.1%

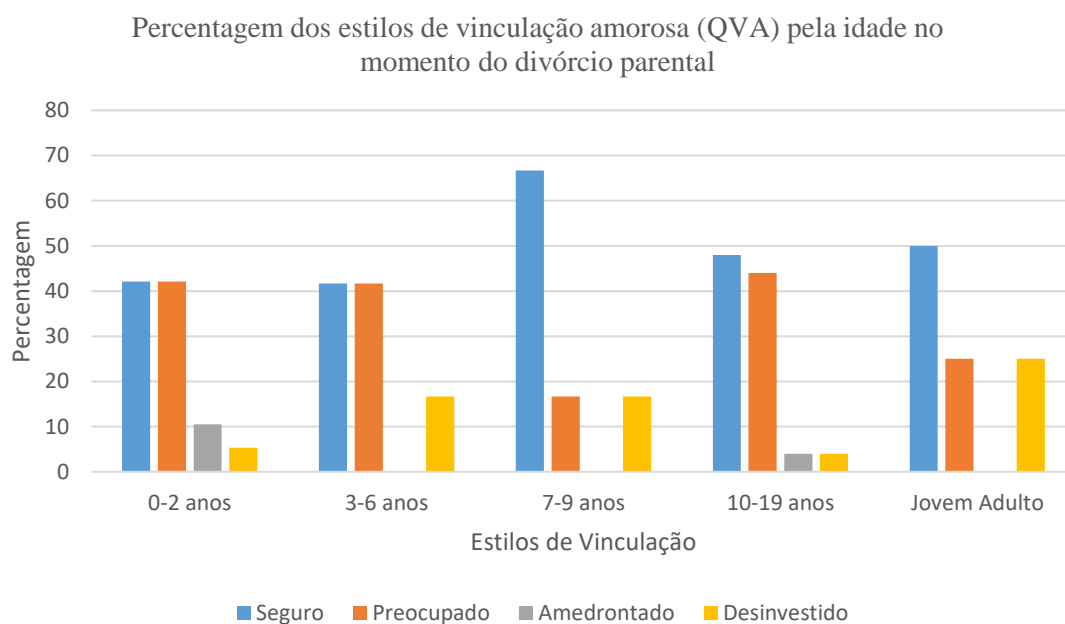


Figura 8 – Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (QVA) pela idade no momento do divórcio parental

5.5. Análises diferenciais nos protótipos de vinculação ao pai e à mãe em função da variável configuração familiar

A título exploratório, uma vez criados os protótipos de vinculação ao pai e à mãe, achou-se pertinente verificar se existiam associações entre os mesmos e a variável configuração familiar. Para o efeito, realizou-se análises de Qui-Quadrado (tabela 20 e 21) permitindo verificar que existe associação significativa entre as variáveis, tanto para o pai ($\chi^2(3) = 43.275$, $p < 0.001$) como para a mãe ($\chi^2(3) = 9.485$, $p < 0.05$).

Tabela 20 - Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a vinculação ao pai e a configuração familiar

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	43,275 ^a	3	,000

a. 1 células (12,5%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 4,94.

Tabela 21 – Qui-Quadrado da amostra, tendo em conta a vinculação à mãe e a configuração familiar

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	9,485 ^a	3	,023

a. 1 células (12,5%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 4,94.

Relativamente ao pai (tabela 22), os indivíduos filhos de pais separados enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (28.8%) e desinvestido (27.3%), tendo-se enquadrado menos nos protótipos preocupado (22.7%) e amedrontado (21.2%). Sendo que os indivíduos filhos de famílias nucleares enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (44.1%) e preocupado (44.1%), enquadrando-se menos nos protótipos amedrontado (9.3%) e desinvestido (2.5%).

Tabela 22 - Tabela Cruzada, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters dos estilos de vinculação ao pai

			É filho de Pais Separados?		
			Sim	Não	Total
Clusters	1 - Seguro	Contagem Percentagem	27 40.9%	100 62.1%	127 55.9%
	2 - Preocupado	Contagem Percentagem	23 34.8%	34 21.1%	57 25.1%
	3 - Amedrontado	Contagem Percentagem	11 16.7%	15 9.3%	26 11.5%
	4 – Desinvestido	Contagem Percentagem	5 7.6%	12 7.5%	17 7.5%

Relativamente à mãe (tabela 23), os indivíduos filhos de pais separados enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (40.9%) e preocupado (34.8%), tendo-se enquadrado menos nos protótipos amedrontado (16.7%) e desinvestido (7.6%). Sendo que os indivíduos filhos de famílias nucleares enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (62.1%) e preocupado (21.1%), enquadrando-se menos nos protótipos amedrontado (9.3%) e desinvestido (7.5%).

Tabela 23 - Tabela Cruzada, tendo em conta a configuração familiar e os quatro clusters dos estilos de vinculação à mãe

			É filho de Pais Separados?		
			Sim	Não	Total
Clusters	1 - Seguro	Contagem Percentagem	19 28.8%	71 44.1%	90 39.6%
	2 - Preocupado	Contagem Percentagem	15 22.7%	71 44.1%	86 37.9%
	3 - Amedrontado	Contagem Percentagem	14 21.2%	15 9.3%	29 12.8%
	4 – Desinvestido	Contagem Percentagem	18 27.3%	4 2.5%	22 9.7%

VI. Discussão

A presente investigação teve como objectivo central avaliar a percepção dos jovens adultos sobre a sua vinculação parental e a sua vinculação amorosa e analisar a relação entre estas variáveis, tendo em conta a configuração familiar. Partiu-se do pressuposto que as percepções dos jovens adultos sobre a Vinculação Amorosa variavam tendo em conta a Vinculação Parental, o género, a configuração familiar e a idade do indivíduo no momento do divórcio.

Relativamente à primeira hipótese deste estudo era esperado que existisse relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a vinculação ao parceiro amoroso. No entanto, após análise estatística dos resultados, esta hipótese confirmou-se apenas relativamente à vinculação à mãe. Ou seja, enquanto que a vinculação ao pai não está correlacionada com a vinculação amorosa, o tipo de vinculação à mãe prediz o tipo de vinculação ao parceiro amoroso.

Como indica a literatura já se esperava que os resultados fossem neste sentido, mas para os dois progenitores. Ao analisar os dados qualitativamente, nas questões abertas de nível exploratório (tabela 5), verificou-se que dos 227 participantes deste estudo 89% respondeu ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) a pensar nos dois progenitores, enquanto que 7% responderam a pensar exclusivamente na mãe, 1,8% responderam a pensar mais na mãe em detrimento do pai e apenas 0,9% respondeu ao questionário a pensar exclusivamente no pai. Esta tendência para referir mais a mãe, bem como a amostra deste estudo ser maioritariamente feminina talvez tenham condicionado a ausência de influência da vinculação ao pai com a vinculação amorosa.

A dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, relativamente ao pai, correlaciona-se positivamente com as dimensões Evitamento e Ambivalência. Também a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, tanto em relação ao pai como em relação à mãe, correlaciona-se negativamente com a dimensão Confiança do Questionário de Vinculação Amorosa. Estas correlações sugerem que filhos que foram inibidos, pelos pais, na exploração da sua própria individualidade tornam-se indivíduos mais ambivalentes nas relações amorosas, mais inseguros, menos confiantes, e, conseqüentemente, mais evitantes. Também a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao pai e à mãe apresentou correlação positiva significativa com a dimensão Dependência do Questionário de Vinculação Amorosa, embora as correlações mais significativas se verifiquem relativamente à mãe (Ainsworth, 1989; Matos, 2002; Paquette, 2004). Desta forma, quanto mais os jovens adultos forem ansiosos relativamente aos seus pais, mais dependentes serão dos seus parceiros amorosos. Estes

resultados corroboram os resultados de estudos anteriores (Matos et al., 2002; Fraley e Shaver, 2000; Hazan e Shaver, 1987, 1994).

A segunda hipótese deste estudo, relativamente ao efeito do divórcio parental sobre o tipo de vinculação ao par amoroso, não se confirmou. Recorreu-se ao teste de dependência do Qui-quadrado verificando-se que não existe associação entre os padrões de vinculação ao par amoroso e o divórcio dos pais.

Estes resultados vão de encontro ao estudo de Sobral, Almeida e Costa (2010), em que as autoras não encontraram diferenças na qualidade da vinculação amorosa em jovens provenientes de famílias nucleares/intactas e divorciadas, o que significa que a configuração familiar não parece ter influência directa na qualidade da vinculação amorosa em jovens adultos.

Na terceira hipótese deste estudo esperava-se que se observassem diferenças significativas entre o género relativamente aos protótipos de vinculação amorosa. No entanto, observou-se que tanto o género feminino como o género masculino da presente amostra são maioritariamente Seguros relativamente ao parceiro amoroso, apresentando um modelo positivo tanto do *self* como do outro, não verificando diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos.

Os sujeitos femininos da presente amostra assumem percentagens superiores aos dos sujeitos masculinos nos protótipos Seguro (46.2%) e Amedrontado (9.1%). O género masculino, por sua vez, assume percentagens superiores aos dos sujeitos femininos nos protótipos de vinculação Preocupado (36.6%) e Desinvestido (16.7%). Estes resultados vão parcialmente de encontro ao que Melo e Mota (2014) verificaram no seu estudo com 334 jovens, entre os 13 e os 25 anos. Melo e Mota (2014), com o objectivo de analisar em que medida os indivíduos distribuídos pelos diferentes protótipos de vinculação apresentam diferenças no que concerne ao género, idade e configuração familiar, assim como diferenças no bem-estar psicológico e desenvolvimento de psicopatologia, verificaram que, relativamente ao género, o género feminino tinha predominância nos protótipos seguro, preocupado e amedrontado, enquanto no género masculino prevalecia o protótipo desinvestido. Importa realçar que muitos dos estudos anteriores (Cordeiro, 2012; Matos, 2002; Granja & Mota, 2018; Melo & Mota, 2014) incidem sobre uma população mais jovem, o que poderá explicar esta diferença de resultados. A amostra do presente estudo é também maioritariamente feminina, o que poderá ter condicionado os resultados, uma vez que com uma amostra mais homogénea relativamente ao género poderia evidenciar e/ou acentuar mais diferenças.

No entanto, o resultado do presente estudo corrobora o estudo realizado por Brennan e Shaver (1995), com uma amostra de 245 estudantes da Universidade de Nova York em Buffalo com idades entre os 15 e os 47 anos ($M=19$). Estes autores tinham como objectivo explorar as diferenças do estilo de vinculação nas estratégias de regulação de afecto; verificar a dinâmica do casal relacionada à vinculação e validar a nova medida de vinculação desenvolvida por Brennan et al. (1989) comparando-a com a medida original de Hazan e Shaver (1987). Brennan e Shaver (1995) não encontraram diferenças relativas quer à idade como ao género relativamente ao tipo de vinculação.

A quarta hipótese deste estudo pretendia verificar a existência de diferenças na vinculação amorosa relativamente à idade dos filhos no momento do divórcio parental. Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, sendo possível verificar que a idade no momento do divórcio parece não ter influência nas quatro dimensões de Bartholomew, observando que independentemente da etapa de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra no momento do divórcio, a prevalência é de sujeitos seguros (47%), seguido de sujeitos preocupados (39.4%), sujeitos desinvestidos (9.1%) e sujeitos amedrontados (4.5%).

Estes resultados parecem confirmar a ideia de que os efeitos do divórcio parental são mais pronunciados no momento que se segue à separação (Furstenberg, 1990) e não na vinculação ao par amoroso. Sendo o presente estudo realizado com uma população jovem adulta, o momento do divórcio parental para estes participantes ocorreu num tempo mínimo de quatro anos e máximo de trinta anos, pelo que se justifica que, actualmente, não se observem diferenças significativas entre estes participantes. Desta forma, os efeitos negativos que advêm de uma situação de divórcio parental parecem manifestar-se por um período limitado de tempo (Moura & Matos, 2008).

A título exploratório pretendeu-se verificar se existiam associações entre os protótipos de vinculação ao pai e à mãe e a variável configuração familiar. Observou-se que existe associação significativa entre as variáveis, tanto para o pai como para a mãe.

Relativamente ao pai, os indivíduos filhos de pais separados enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (28.8%) e desinvestido (27.3%), tendo-se enquadrado menos nos protótipos preocupado (22.7%) e amedrontado (21.2%). Enquanto que, relativamente à mãe, os indivíduos filhos de pais separados enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro (40.9%) e preocupado (34.8%), tendo-se enquadrado menos nos protótipos amedrontado (16.7%) e desinvestido (7.6%). O facto de 86,4% dos filhos da presente amostra ter ficado a viver com a mãe após o divórcio parental (tabela 5) pode explicar a percentagem

de sujeitos desinvestidos relativamente ao pai, uma vez que os indivíduos filhos de famílias nucleares, tanto em relação ao pai como em relação à mãe, enquadram-se maioritariamente nos protótipos seguro e preocupado, enquadrando-se menos nos protótipos amedrontado e desinvestido.

VII. Conclusão

A amostra deste estudo apresenta semelhanças no tipo de vinculação desenvolvida tanto com o pai como com a mãe, uma vez que é pautada maioritariamente por sujeitos que possuem um modelo positivo tanto em relação à figura paterna (77.5%) como em relação à figura materna (81%), representada pelos sujeitos seguros e preocupados. Relativamente à vinculação amorosa, a amostra do presente estudo é representada maioritariamente por sujeitos Seguros (45.4%), seguido de sujeitos Preocupados (34.4%), Desinvestidos (11.5%) e Amedrontados (8.8%).

A partir dos resultados obtidos conclui-se que a vinculação ao pai não está correlacionada com a vinculação amorosa, não a influenciando, contrariamente à vinculação à mãe em que esta prediz o tipo de vinculação ao parceiro amoroso.

Com a presente investigação foi também possível verificar que não existem diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas e, nesse sentido, conclui-se que a configuração familiar parece não ter influência directa na qualidade da vinculação amorosa em jovens adultos.

No que concerne ao género não foram verificadas diferenças significativas na qualidade da vinculação amorosa, tanto o género feminino como o género masculino da presente amostra são maioritariamente Seguros relativamente ao parceiro amoroso, apresentando um modelo positivo tanto do *self* como do outro. Neste sentido, o género não parece influenciar o tipo de vinculação amorosa. No entanto, enquanto limitação do presente estudo, importa salientar a discrepância de sujeitos do sexo masculino (n=30) face aos sujeitos do sexo feminino (n=197), o que consideramos que poderá ter influenciado os resultados e, nesse sentido, futuras investigações deverão considerar uma amostra mais homogénea em relação ao género.

Relativamente à idade do sujeito no momento do divórcio parental, verificou-se que esta variável parece não ter influência nas quatro dimensões de Bartholomew, ou seja, a etapa de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra no momento do divórcio não prediz o tipo de vinculação amorosa que o sujeito terá no futuro. E nesse sentido parece possível concluir que os efeitos do divórcio parental são mais pronunciados no momento que se segue à separação (Furstenberg, 1990) e não na vinculação ao par amoroso.

Assim, para futuras investigações parece importante que se realize um estudo longitudinal e mais exploratório que acompanhe filhos de pais divorciados ao longo do seu desenvolvimento, permitindo obter informação descritiva e compreensiva sobre os efeitos da separação dos pais no tipo de vinculação amorosa do jovem adulto. Além disso, seria relevante

conhecer o tipo de suporte familiar e social que acompanha estes jovens, bem como conhecer como foi a relação entre os pais após o divórcio.

Considerando que à medida que o indivíduo estabelece uma nova relação os modelos internos dinâmicos são passíveis de sofrer alterações ao longo de todo o desenvolvimento da adolescência e jovem adultícia (Bartholomew & Shaver, 1998) seria também interessante incluir na recolha de dados o casal, tendo em consideração a duração da relação, de modo a compreender se o tipo de vinculação de um dos membros do casal influencia o tipo de vinculação amorosa do outro membro do casal.

VIII. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N J: Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*, 33-51. London: Routledge.
- Allen, J.P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp. 319–352), New York: Guilford.
- Allison, P. D., & Furstenberg, F. F., Jr. (1989). How marital dissolution affects children: Variations by age and sex. *Developmental Psychology*, *25*, 540–549. doi: 10.1037/0012-1649.25.4.540
- Amato, P. R. (1986). Marital conflict, the parent-child relationship and the self-esteem. *Family Relations*, *35*, 403-410. doi: 10.2307/584368
- Amato, P. R. (1988). Long-term implications of parental divorce for adult self-concept. *Journal of Family Issues*, *9*, 201–213. doi: 10.1177/019251388009002003
- Amato, P. R. (2001b). Children of divorce in the 1990s: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, *15*, 355-370. doi: 10.1037/0893-3200.15.3.355
- Amato, P. R., & Booth, A. (1996). A prospective study of divorce and parent-child relationships. *Journal of Marriage and the Family*, *58*, 356-365. doi: 10.2307/353501
- Amato, P. R. & Keith, B. (1991) Parental Divorce and the Well-Being of Children: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and Family*, *53* (1), 43-58. DOI: 10.2307/353132
- Amato, P. R., & Cheadle, J. (2005). The long reach of divorce: Divorce and child wellbeing across three generations. *Journal of Marriage and Family*, *67*, 191–206. doi:10.1111/j.0022-2445.2005.00014.x
- Amato, P. R., & DeBoer, D. D. (2001). The transmission of marital instability across generations: Relationship skills or commitment to marriage? *Journal of Marriage and Family*, *63*, 1038–1051. doi:10.1111/j.1741-3737.2001.01038.x

- Apostolidou, Z. (2006). Are childhood experiences with parents linked to feelings in romantic relationships during adulthood? *The New School Psychology Bulletin*, 4(1), 63-85.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teensthrough the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. Arnett & L. Tanner (Eds). *Emerging adulthood in America: Coming of age in the 21st Century* (pp. 3-19). Washington, DC. American Psychological Association.
- Aro, H. M., & Palosaari, U. K. (1992). Parental divorce, adolescence, and transition to young adulthood: A follow-up study. *American Journal of Orthopsychiatry*, 62, 421-429. doi: 10.1037/h0079342
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P.M. (2011). Parental attachment and romantic relationships in emerging adults: The role of emotional regulation processes. *Family Science*, 2 (1), 13-23.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bartholomew, K. (1993). From childhood to adult relationships: Attachment theory and research. In S. Duck (Ed.), *Understanding relationship processes series, Vol. 2. Learning about relationships* (pp. 30-62). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bartholomew, K., & Perlman, D. (Eds.). (1994). *Advances in personal relationships, Vol. 5. Attachment processes in adulthood*. London: Jessica Kingsley.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford.
- Bartholomew, K., & Thompson, J. (1995). The application of attachment theory to counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, 23, 484-490.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Berstein, R., Keltner, D. & Laurent, H. (2012). Parental divorce and romantic attachment in young adulthood: Important role of problematic beliefs. *Marriage & Family Review*, 48, 711-731.
- Blatt, S., Levy, K. & Shaver, P. (1998). Attachment Styles and Prental Representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (2), 407-419.

- Blos, P. (1980). *Psicoanálisis de la adolescência* (3ª ed.). México: Editorial Joaquín Mortiz. (Obra original publicada em 1962)
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, *130*, 201-210.
- Bowlby, J. (1990a). Apego e perda, Vol 1. Apego (2ed). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Bowlby, J. (1990b). Apego e perda, Vol. 2. Separação: angústia e raiva (2ed). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973)
- Bowlby, J. (1990c). Apego e perda, Vol. 3. Perda (2ed). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973)
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1993). Attachment styles and parental divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, *21*, 161–175. doi: 10.1300/J087v21n01_09
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychological Bulletin*, *21*, 267-283. doi: 10.1177/0146167295213008
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points in attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *50* (1-2, Serial N.º 209), 3-35. doi: 10.2307/3333824
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.), pp. 102-127, New York: Guilford Press.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1979).
- Buchanan, C. M., & Heiges, K. L. (2001). When conflict continues after the marriage ends: Effects of postdivorce conflict on children. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory research and*

- applications* (pp. 337-362). Cambridge: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511527838.015
- Canavarro, C. M., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população Portuguesa. *Psicologia, 20* (1).
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica, 4* (XXXI): 393-406.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influence of attachment relationships. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 59*, 228–249.
- Christensen, T. M., & Brooks, M. C. (2001). Adult children of divorce and intimate relationships: A review of the literature. *Family Journal, 9*, 289-295.
- Clarke-Stewart, K. A., Vandell, D. L., McCartney, K., Owen, M. T., & Booth, C. (2000). Effects of parental separation and divorce on very young children. *Journal of Family Psychology, 14*, 304-326. doi: 10.1037/0893-3200.14.2.304
- Coelho, J. P. & Cunha, L. M. (2008). Inferência Estatística. ISPA.
- Collins, Cooper & Allard (2002). Psychosocial Vulnerability From Adolescence to Adulthood: A Prospective Study of Attachment Style Differences in Relationship Functioning and Partner Choice. *Journal of Personality, 70* (6), 966-1008.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 644-663.
- Collins, A., Hennighausen, K., Schmidt, D. and Sroufe, L. A., (1997). Developmental precursors of romantic relationships: a longitudinal analysis. In *Romantic Relationships in Adolescence: Developmental Perspectives*, S. Shulman and A. Collins (Eds). New York: Jossey-Bass.
- Collins, W. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 13*, 1–24.
- Cooney, T. M. (1994). Young adults' relations with parents: The influence of recente parental divorce. *Journal of Marriage and the Family, 56*, 45-56. doi: 10.2307/352700
- Cordeiro, R. (2012). Vinculação e temperamento afetivo em jovens adultos (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa.
- Costa, M. E. (1994). *Divórcio, monoparentalidade e recasamento: Intervenção psicológica em transições familiares*. Porto: Edições Asa.

- Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2011). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationship dissolution: What makes a difference? *Personal Relationships, 18*, 410–426. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01306.x
- Davis, D., Shaver, P., & Vernon, M. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up: The roles of gender, age, emotional involvement, and attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin, 29*, 871-884. doi: 10.1177/0146167203029007006
- Diehl, M., Elnick, A. B., Bourbeau, L. S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult attachment styles: Their relations to family context and personality. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 1656-1669. doi: 10.1037/0022-3514.74.6.1656
- Dinero, R., Conger, R., Shaver, P., Widaman, K., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of Family Psychology, 22*, 622–632. doi: 10.1037/a0012506
- Doherty, N., & Feeney, J. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships, 11*, 469-488.
- Duemmler, S. L., & Kobak, R. (2001). The development of commitment and attachment in dating relationships: attachment security as relationship construct. *Journal of Adolescence, 24*, 401–415.
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: A 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence, 30*, 117-134.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 281-291. doi: 10.1037/0022-3514.58.2.281
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fraley & Shaver (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies and unanswered questions. *Review of General Psychology, 4* (2), 132-154.
- Franklin, K. M., Janoff-Bulman, R., & Roberts, J. E. (1990). Long-term impact of parental divorce on optimism and trust: Changes in general assumptions or narrow beliefs? *Journal of Personality and Social Psychology, 59*, 743–755. doi: 10.1037/0022-3514.59.4.743

- Freire, L. (2010). Alexitimia: Dificuldade de Expressão ou Ausência de Sentimento? Uma Análise Teórica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 15-24.
- Furstenberg, F. F. (1990). Divorce and the American Family. *Annual Review of Sociology*, 16, 379-403. doi: 10.1146/annurev.so.16.080190.002115
- Gabardi, L., & Rosen, L. A. (1991). Differences between college students from divorced and intact families. *Journal of Divorce and Remarriage*, 15, 175-191. doi: /10.1300/J087v15n03_10
- Gately, D., & Schwebel, A. I. (1992). Favorable outcomes in children after parental divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 18 (3-4), 57-78. doi: 10.1300/J087v18n03_04
- Gleeson, G., & Fitzgerald, A. (2014). Exploring the association between adult attachment styles in romantic relationships, perceptions of parents from childhood and relationship satisfaction. *Health*, 6, 1643-1661. doi: 10.4236/health.2014.613196
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2007). *Psicologia* (5 ed.; trad. Silva, D.R.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Glenn, N. D., & Kramer, K. B. (1987). The marriages and divorces of the children of divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 811-825. doi: 10.2307/351974
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe. Acedido a 02 de Fevereiro de 2018, em <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>.
- Granja, M. B., & Mota, C. P. (2018). Estilos parentais e vinculação amorosa: efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36 (1), 93-109.
- Greeff, A.P. and Van der Merwe, S. (2004) Variables Associated with Resilience in Divorced Families. *Social Indicators Research*, 68, 59-75. doi: 10.1023/B:SOCI.0000025569.95499.b5
- Greenberger, E., & McLaughlin, C. S. (1998). Attachment, coping, and explanatory style in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27, 121-139.
- Guarnieri, S., Smorti, M., & Tani, F. (2015). Attachment relationships and life satisfaction during emerging adulthood. *Social Indicators Research*, 121 (3), 833-847. doi: 10.1007/s11205-014-0655-1
- Hamilton, C. E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71, 690-694. doi: 10.1111/1467-8624.00177

- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*, 511–524.
- Hazan, C. & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol. 5, Attachment Processes in Adulthood* (pp. 151-177). London: Jessica Kingsley.
- Heifetz, M., Connolly, J., Pepler, D., & Craig, W. (2010). Family divorce and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Divorce & Remarriage*, *51*, 366–378. doi: 10.1080/10502551003652157
- Hetherington, E. M., Cox, M., & Cox, R. (1979). Play and social interaction in children following divorce. *Journal of Social Issues*, *35*, 26-49. doi: 10.1111/j.1540-4560.1979.tb00812.x
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and resiliency perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *40*, 129–140. doi: 10.1111/1469-7610.00427
- INE (2017). Instituto Nacional de Estatística. Acedido em <https://www.ine.pt/> (Última atualização dos dados a 28 de setembro de 2018)
- Johnston, S. G., & Thomas, A. M. (1996). Divorce versus intact parental marriage and perceived risk and dyadic trust in present heterosexual relationships. *Psychological Reports*, *78*, 387-390. doi: 10.2466/pr0.1996.78.2.387
- King, V. (2002). Parental divorce and interpersonal trust in adult offspring. *Journal of Marriage and Family*, *64*, 642–656. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00642.x
- Kinnaird, K. L., & Gerrard, M. (1986). Premarital sexual behavior and attitudes toward marriage and divorce among young women as a function of their mothers' marital status. *Journal of Marriage and the Family*, *48*, 757-765. doi: 10.2307/352568
- Kobak, R., Cole, H., Ferenz-Gillies, R., Fleming, W., & Gamble, W. (1993). Attachment and emotional regulation during mother-teen problem solving: A control theory analysis. *Child Development*, *64*, 231–245. doi: 10.2307/1131448
- Kogos, J. L., & Snarey, J. (1995). Parental divorce and the moral development of adolescents. *Journal of Divorce & Remarriage*, *23*, 177–186. doi: 10.1300/J087v23n03_11
- Kurdek, L. A., & Berg, B. (1987). Children's beliefs about parental divorce scale: Psychometric characteristics and concurrent validity. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *55*, 712–718. doi: 10.1037/0022-006X.55.5.712

- Laumann-Billings, L., & Emery, R. E. (2000). Distress among young adults from divorced families. *Journal of Family Psychology, 14*, 671–687. doi: 10.1037/0893-3200.14.4.671
- Levinson, D. (1986). A conception of adult development. *American Psychology, 41*, 3-13.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 407-419.
- Lewis, M., Feiring, C., & Rosenthal, S. (2000). Attachment over time. *Child Development, 71*, 707–720. doi:10.1111/1467-8624.00180
- Lopez, F. G. (1996). Attachment-related predictors of constructive thinking among college students. *Journal of Counseling & Development, 75 (1)*, 58-63. doi: 10.1002/j.1556-6676.1996.tb02315.x
- Luecken, L. J., & Appelhans, B. (2005). Information-processing biases in young adults from bereaved and divorced families. *Journal of Abnormal Psychology, 114*, 309–313. doi: 10.1037/0021-843X.114.2.309
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology, 51*, 1-27.
- Machado, T. S. (2003). Raciocínio operatório formal: O que se mantém da original definição piagetiana? *Psychologica, 32*, 147-169.
- Machado, T. S., Dias-da-Costa, C. & Silva, J. T. (2015). Vinculação aos pais e vinculação amorosa: esperança e satisfação com a vida. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, 14*, 1-5.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 11*, 93-109.
- Matos, P. M. (2002). (Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia, 20 (1)*, 97-126.
- Melo, O. S. & Mota, C. P. (2014). Protótipos de vinculação amorosa: Bem-estar psicológico e psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas. *Análise Psicológica, 3 (XXXII)*: 307-322.

- Mintz, A.-S. (2004). Vinculação, Casal e Família. In Guedeney, N. & Guedeney, A., *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 183 - 186). Lisboa: Climepsi Editores.
- Mireault, G., Bearor, K., & Thomas, T. (2001/2002). Adult Romantic Attachment Among Women Who Experienced Childhood Maternal Loss. *OMEGA*, *44* (1), 97-104.
- Montoro, G. M. C. F. (2004). Amor conjugal e padrões de relacionamento. In Vitale, M. A. F. (Org.). *Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interpaparental em adolescentes. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia*, *22* (1), 127-152.
- Mota, C. & Rocha, M. (2012). Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *28* (3), 357-366.
- McIntyre, A., Heron, R. L., McIntyre, M. D., Burton, S. J., & Engler, J. N. (2003). College students from families of divorce: Keys to their resilience. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *24*, 17–31. doi: 10.1016/S0193-3973(03)00022-4
- Mikulincer, M., & Nachshon, O. (1991). Attachment styles and patterns of self-- disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 321-331. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.321
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: The Guildford Press.
- Muraru, A. A., & Turluic, M. N. (2012). Family-of-origin, romantic attachment, and marital adjustment: a path analysis model. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, *33*, 90-94. doi: 10.1016/j.sbspro.2012.01.089
- Oderberg, N. (1986). College students from divorced families: The impact of post-divorce life on long-term psychological adjustment. *Conciliation Courts Review*, *24*, 103-110. doi: 10.1111/j.174-1617.1986.tb00134.x
- Oliveira, J., & Costa, M. (2005). *Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas*. *Psicologia*, *18* (2), 57-74.
- Overbeek, G., Engels, R., Meeus, W., & Volleberg, W. (2003). Parental attachment and romantic relationships: Associations with emotional disturbance during late adolescence. *Journal of Counseling Psychology*, *50*, 28–39.

- Owen, M. T., & Cox, M. J. (1997). Marital conflict and the development of infant-parent attachment relationships. *Journal of Family Psychology, 11*, 152-164. doi: 10.1037/0893-3200.11.2.152
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development, 47*, 193-219.
- Parish, T. S., & Dostal, J. W. (1980). Evaluations of self and parent figures by children from intact, divorced, and reconstituted families. *Journal of Youth and Adolescence, 9*, 347-351. doi: 10.1007/BF02087986
- Parke, R., & Buriel, R. (2006) Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504).
- Piaget, J. (1947). *La représentation du monde chez l'enfant*. Paris: PUF.
- Piaget, J. (1986). O Nascimento da Inteligência na Criança. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Pietromonaco, P. R., & Barret, L. F. (2000). Attachment theory as an organizing framework: A view from different levels of analysis. *Review of General Psychology, 4* (2), 107-110. doi: 10.1037/1089-2680.4.2.107
- Ramires, V. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo, Maringá, 9* (2), 83-193.
- Rusbult, C. E., Wieselquist, J., Foster, C. A. & Witcher, B. S. (1999). Commitment and trust in close relationships: an interdependence analysis. In J. M. Adams & W. H. Jones (Eds.), *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability*. New York: Plenum Publishers.
- Ruschena, E., Prior, M., Sanson, A., & Smart, D. (2005). A longitudinal study of adolescent adjustment following family transitions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 46*, 353-363. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00369.x
- Sever, I., Guttman, J., & Lazar, A. (2007). Positive consequences of parental divorce among Israeli young adults: A long-term effect model. *Marriage & Family Review, 42*, 7-28. doi: 10.1300/J002v42n02_02
- Shiota, M. N., Keltner, D., & John, O. P. (2006b). Positive emotion dispositions differentially associated with Big Five personality and attachment style. *Journal of Positive Psychology, 1*, 61-71. doi: 10.1080/17439760500510833

- Simpson, J.A., Collins, W.A., Tran, S., & Haydon, K.C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in adult romantic relationships: A developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, *92*, 355–367. doi: 10.1037/0022-3514.92.2.355
- Simpson, J. A., & Rholes, S. (2012). Adult attachment orientations, stress, and romantic relationships. *Advances in Experimental Social Psychology*, *45*, 279-328. doi: 10.1016/B978-0-12-394286-9.00006-8
- Sobral, M. P., Almeida, P. R. & Costa, M. E. (2010). Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: um estudo com jovens adultos. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho.
- Sorosky, A. D. (1977). The psychological effects of divorce on adolescents. *Adolescence*, *12* (45), 123-136.
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal*, *21* (1-2), 67-74.
- Sroufe, A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, *7* (4), 349-367. doi: 10.1080/14616730500365928
- Teachman, J. D. (2002). Childhood Living Arrangements and the Intergenerational Transmission of Divorce. *Journal of Marriage and Family*, *64* (3), 717–729. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00717.x
- Thomas, D. & Woodside, M. (2011). Resilience in adult children of divorce: A multiple case study. *Marriage and Family Review*, *47* (4), 1-21. doi: 10.1080/01494929.2011.586300
- Trinke, S. & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, *14*, 603-625.
- Twedt, M. (2013). A comparison of the attachment with parents and the attachment of romantic partner. *Psychology Student Work*, Paper13.
- Wallerstein, J. S. (1991). The long-term effects of divorce on children: A review. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *30*, 349–360. doi: 10.1097/00004583-199105000-00001
- Wallerstein, J. S., & Kelly, J. B. (1980). Effects of divorce on the visiting father–child relationship. *American Journal of Psychiatry*, *137*, 1534–1539. doi: 10.1176/ajp.137.12.1534

- Wallerstein, J. (1984). Children of divorce: Preliminary report of a ten-year follow-up of young children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 444-458. doi: 10.1111/j.1939-0025.1984.tb01510.x
- Wallerstein, J., & Blakeslee, S. (1989). *Second chances: Men, women, and children a decade after divorce*. New York: Ticknor & Fields.
- Waters, H. A., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8 (3), 185-197. doi: 10.1080/14616730600856016
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 68-88). New York, NY, US: Guilford Press.
- Westervelt, K., & Vandenberg, B. (1997). Parental divorce and intimate relationships of young adults. *Psychological Reports*, 80, 923-926. doi: 10.2466/pr0.1997.80.3.923
- Wolchik, S. A., Wilcox, K. L., Tein, J. Y., & Sandler, I. N. (2000). Maternal acceptance and consistency of discipline as buffers of divorce stressors on children's psychological adjustment problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 28 (1), 87-102. doi: 10.1023/A:1005178203702
- Woodward, L., Fergusson, D., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00162.x

ANEXOS

Anexo A - Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)
Matos & Costa, 2001

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e **assinale as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com cada um dos seus pais. Caso não resida com os seus pais, pedimos-lhe que se reporte sobretudo ao tempo em que viveu com eles.** Responda em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6

		PAI	MÃE
1	Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
2	Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
3	É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
4	Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
5	Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
6	Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
7	Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
8	Os meus pais conhecem-me bem.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
9	Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
10	Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
11	Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
12	Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
13	Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
14	Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
15	Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
16	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
17	Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
18	Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

19	Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
20	Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
21	Faço tudo para agradar aos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
22	Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
23	Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
24	Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
25	Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
26	Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
27	Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
28	Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
29	Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
30	Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

Respondeu a este questionário a pensar na sua mãe e no seu pai? _____

Anexo B - Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)
Paula Mena Matos, Sónia Barbosa & Maria Emília Costa (2001)
Versão reduzida

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a). Leia atentamente cada uma das frases e marque a resposta que melhor exprime o modo como se sente com **o(a) seu(sua) namorado(a)**.

Se actualmente não tem um(a) namorado(a), mas já teve no passado, responda ao questionário reportando-se à relação mais significativa.

Pedimos para responder de acordo com as instruções que lhe serão dadas e para não deixar nenhuma resposta em branco.

Neste momento, eu tenho namorado(a)

Duração da Relação _____

Como define a sua relação actual?

Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém

Duração da Relação _____

Há quanto tempo terminou essa relação? _____

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6

1	O(A) meu(minha) namorado(a) respeita os meus sentimentos.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
2	Gostava de ser a pessoa mais importante para ela(e), mas não estou certo(a) de que assim seja.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
3	A(O) minha(meu) namorada(o) compreende-me.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
4	Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
5	Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
6	Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
7	Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
8	Sei que posso contar com a(o) minha(meu) namorada(o) sempre que precisar dela(e).	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
9	Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
10	Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
11	Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) é como se fôssemos um só.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
12	Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
13	Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
14	Ela(e) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
15	Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
16	Sempre achei que, apesar de gostar do(a) meu(minha) namorado(a), não vou sentir muito a falta dele(a) se a relação terminar.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
17	Às vezes acho que ela(e) é fundamental na minha vida, outras vezes não.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)
18	Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.	(1) (2) (3) (4) (5) (6)

19	Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a).	1	2	3	4	5	6
20	Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6
21	Ele(a) desilude-me muitas vezes.	1	2	3	4	5	6
22	Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver comigo.	1	2	3	4	5	6
23	Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o).	1	2	3	4	5	6
24	Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o).	1	2	3	4	5	6
25	As relações terminam sempre, mais vale eu não me envolver.	1	2	3	4	5	6

Anexo C - Questionário Sócio-Demográfico
Gouveia-Pereira, M. & Mota, S. (2017)

1. **Género:** M F

2. **Idade:** _____ Anos

3. **Estado Civil:**

Solteiro

Casado

Divorciado

União de facto

Viúvo

4. **Habilitações Literárias:**

4º ano a 8º ano

9º ano a 11º ano

12º ano

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

5. **Profissão:**

6. **Idade da Mãe:**

7. **Idade do Pai:**

8. **Actualmente, quem constitui o seu agregado familiar:**

Pai e Mãe

Pai, Mãe e Irmãos

Mãe

Pai

Casal

Casal e filhos. Quantos?

Vivo sozinho

Outro. Qual?

9. **Há quanto tempo é que não vive com o seu pai e/ou mãe?**

10. **É filho de pais separados/divorciados:**

Sim

Não

11. Como é a relação entre os seus pais?

- Conflituosa. Discutem muito.
- Os meus pais quase nunca discutem.
- Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la.
- Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.
- Os meus pais são carinhosos um com o outro.
- Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir.
- Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes.

12. Como caracteriza/define a sua relação com os seus pais?

13. Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram:

14. Para si, como considera que foi o divórcio entre pais:

- Amigável
- Conflituoso
- Litigioso.
- Outro. Qual?

15. Como viveu a separação dos seus pais e porquê?

16. Após o divórcio ficou a viver com:

- Mãe
- Pai
- Os dois, Guarda Partilhada
- Outro. Qual?

17. Após o divórcio dos seus pais continuou a manter contacto com o progenitor com o qual não ficou a viver?

- Não
- Sim

Com que frequência?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- No Fim-de-semana
- Outro. Qual?

Anexo D – Caracterização da Amostra

Género

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Masculino	30	13,2	13,2	13,2
Feminino	197	86,8	86,8	100,0
Total	227	100,0	100,0	

Idade

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido 18	4	1,8	1,8	1,8
19	3	1,3	1,3	3,1
20	14	6,2	6,2	9,3
21	17	7,5	7,5	16,7
22	16	7,0	7,0	23,8
23	18	7,9	7,9	31,7
24	8	3,5	3,5	35,2
25	18	7,9	7,9	43,2
26	22	9,7	9,7	52,9
27	18	7,9	7,9	60,8
28	27	11,9	11,9	72,7
29	26	11,5	11,5	84,1
30	36	15,9	15,9	100,0
Total	227	100,0	100,0	

Estado civil

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Solteiro	151	66,5	66,5	66,5
Casado	24	10,6	10,6	77,1
União de facto	52	22,9	22,9	100,0
Total	227	100,0	100,0	

Duração da Relação

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido [1 mês a 11 meses]	28	12,3	12,3	12,3
[1 ano a 2 anos]	46	20,3	20,3	32,6
[2 anos e 1 mês a 4 anos]	61	26,9	26,9	59,5
[4 anos e um mês a 6 anos]	38	16,7	16,7	76,2
[6 anos e 1 mês a 8 anos]	30	13,2	13,2	89,4
[+ de 8 anos]	24	10,6	10,6	100,0
Total	227	100,0	100,0	

Habilitações Literárias

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido 9º Ano a 11º Ano	7	3,1	3,1	3,1
12º Ano	64	28,2	28,2	31,3
Licenciatura	73	32,2	32,2	63,4
Mestrado	80	35,2	35,2	98,7
Doutoramento	3	1,3	1,3	100,0
Total	227	100,0	100,0	

É filho de pais separados/divorciados:

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Sim	66	29,1	29,1	29,1
Não	161	70,9	70,9	100,0
Total	227	100,0	100,0	

Para si, como considera que foi o divórcio entre os seus pais:

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Amigável	18	7,9	27,3	27,3
	Conflituoso	34	15,0	51,5	78,8
	Litigioso	7	3,1	10,6	89,4
	Outro	7	3,1	10,6	100,0
	Total	66	29,1	100,0	
Omisso	Sistema	161	70,9		
Total		227	100,0		

Após o divórcio ficou a viver com

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Mãe	57	25,1	86,4	86,4
	Pai	2	,9	3,0	89,4
	Os dois, Guarda Partilhada	4	1,8	6,1	95,5
	Outro	3	1,3	4,5	100,0
	Total	66	29,1	100,0	
	Omisso	Sistema	161	70,9	
Total		227	100,0		

Após o divórcio dos seus pais continuou a manter contacto com o progenitor com o qual não ficou a viver?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	13	5,7	19,7	19,7
	Sim	53	23,3	80,3	100,0
	Total	66	29,1	100,0	
Omisso	Sistema	161	70,9		
Total		227	100,0		

Anexo E – Pressuposto da Normalidade

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
P_QVPM	,135	227	,000	,912	227	,000
M_QVPM	,068	227	,013	,974	227	,000
QVA	,081	227	,001	,978	227	,001

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Descritivos

		Estatística	Erro	
Pai_QVPM	Média	3,35	,049	
	95% Intervalo de Confiança para	Limite inferior Limite superior	3,25 3,44	
	Média 5% da média aparada	3,41		
	Mediana	3,50		
	Variância	,546		
	Erro Desvio	,739		
	Mínimo	1		
	Máximo	5		
	Intervalo	4		
	Amplitude interquartil	1		
	Assimetria	-1,199	,162	
	Curtose	1,751	,322	
	Mãe_QVPM	Média	3,66	,037
		95% Intervalo de Confiança para	Limite inferior Limite superior	3,58 3,73
Média 5% da média aparada		3,67		
Mediana		3,67		
Variância		,303		
Erro Desvio		,551		
Mínimo		1		
Máximo		5		
Intervalo		4		
Amplitude interquartil		1		
Assimetria		-,612	,162	

	Curtose	2,141	,322	
QVA	Média	3,06	,021	
	95% Intervalo de	Limite inferior	3,02	
	Confiança para	Limite superior	3,11	
	Média			
	5% da média aparada		3,05	
	Mediana		3,04	
	Variância		,099	
	Erro Desvio		,315	
	Mínimo		2	
	Máximo		4	
	Intervalo		2	
	Amplitude interquartil		0	
	Assimetria		,537	,162
	Curtose		,487	,322

Correlações

Índice de Spearman	M_QVPM	M_QVPM	M_IEI	M_QLE	M_ASD	QVA	QVA_Confiança	QVA_Dependência	QVA_Evitamento	QVA_Ambivalência
M_QVPM	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	1,000 227	,289** ,000 227	,526** ,000 227	,830** ,000 227	,186** ,005 227	-,052 ,436 227	,217** ,001 227	-,004 ,950 227	,058 ,386 227
M_IEI	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,289** ,000 227	1,000 227	-,439** ,000 227	-,152* ,022 227	,095 ,155 227	-,155* ,019 227	-,007 ,922 227	,099 ,138 227	,129 ,053 227
M_QLE	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,526** ,000 227	-,439** ,000 227	1,000 227	,604** ,000 227	-,045 ,497 227	,163* ,014 227	,112 ,091 227	-,141* ,034 227	-,129 ,052 227
M_ASD	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,830** ,000 227	-,152* ,022 227	,604** ,000 227	1,000 227	,198** ,003 227	,005 ,940 227	,237** ,000 227	-,028 ,676 227	,020 ,770 227
QVA	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,186** ,005 227	,095 ,155 227	-,045 ,497 227	,198** ,003 227	1,000 227	-,059 ,378 227	,435** ,000 227	,382** ,000 227	,513** ,000 227
QVA_Confiança	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	-,052 ,436 227	-,155* ,019 227	,163* ,014 227	,005 ,940 227	-,059 ,378 227	1,000 227	,369** ,000 227	-,390** ,000 227	-,652** ,000 227
QVA_Dependência	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,217** ,001 227	-,007 ,922 227	,112 ,091 227	,257** ,000 227	,435** ,000 227	,369** ,000 227	1,000 227	-,501** ,000 227	-,322** ,000 227
QVA_Evitamento	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	-,004 ,950 227	,099 ,138 227	-,141* ,034 227	-,028 ,676 227	,382** ,000 227	-,390** ,000 227	-,501** ,000 227	1,000 227	,553** ,000 227
QVA_Ambivalência	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,058 ,386 227	,129 ,053 227	-,129 ,052 227	,020 ,770 227	,513** ,000 227	-,652** ,000 227	-,322** ,000 227	,553** ,000 227	1,000 227

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Anexo G – Efeito do divórcio parental sobre a (o tipo de) vinculação ao par amoroso

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de QVA é a mesma entre as categorias de É filho de pais separados/divorciados:.	Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes	,491	Retar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05

Tabulação cruzada É filho de pais separados/divorciados: * Número de caso de cluster

			Número de caso de cluster				Total
			1	2	3	4	
É filho de pais separados/divorciados:	Sim	Contagem	6	26	3	31	66
		Contagem Esperada	7,6	22,7	5,8	29,9	66,0
	Não	Contagem	20	52	17	72	161
		Contagem Esperada	18,4	55,3	14,2	73,1	161,0
Total		Contagem	26	78	20	103	227
		Contagem Esperada	26,0	78,0	20,0	103,0	227,0

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	3,113 ^a	3	,375
Razão de verossimilhança	3,378	3	,337
Associação Linear por Linear	,012	1	,911
N de Casos Válidos	227		

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 5,81.

Anexo H – Vinculação Amorosa e Género

Dimensões	Género Feminino		Género Masculino		P*
	Med	DP	Med	DP	
QVA					0.254
Confiança	4.69	.524	4.68	.390	0.448
Dependência	3.42	1.026	3.58	1.110	0.522
Evitamento	2.03	.744	2.24	.842	0.181
Ambivalência	2.21	.859	2.18	.759	0.970

Legenda: * Teste Mann Whitney, significativo para $p \leq 0.05$

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de QVA é a mesma entre as categorias de Género.	Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes	.254	Retem a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05

Tabulação cruzada Género * Número de caso de cluster

			Número de caso de cluster				Total
			1	2	3	4	
Género	Masculino	Contagem	5	11	2	12	30
		Contagem Esperada	3,4	10,3	2,6	13,6	30,0
	Feminino	Contagem	21	67	18	91	197
		Contagem Esperada	22,6	67,7	17,4	89,4	197,0
Total		Contagem	26	78	20	103	227
		Contagem Esperada	26,0	78,0	20,0	103,0	227,0

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	1,274 ^a	3	,735
Razão de verossimilhança	1,209	3	,751
Associação Linear por Linear	,909	1	,340
N de Casos Válidos	227		

a. 2 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,64.

Anexo I – Idade dos filhos no momento do divórcio dos pais e Vinculação Amorosa

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de QVA é a mesma entre as categorias de Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,743	Reter a hipótese nula.
2	A distribuição de QVA_Confiança é a mesma entre as categorias de Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,797	Reter a hipótese nula.
3	A distribuição de QVA_Dependência é a mesma entre as categorias de Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,953	Reter a hipótese nula.
4	A distribuição de QVA_Evitamento é a mesma entre as categorias de Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,701	Reter a hipótese nula.
5	A distribuição de QVA_Ambivalência é a mesma entre as categorias de Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,411	Reter a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05

Que idade tinha quando os seus pais se separaram/divorciaram?

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido 0 a 2anos	19	8,4	28,8	28,8
3 a 6 anos	12	5,3	18,2	47,0
7 a 9 anos	6	2,6	9,1	56,1
10 a 19 anos	25	11,0	37,9	93,9
Idade adulta	4	1,8	6,1	100,0
Total	66	29,1	100,0	
Omisso Sistema	161	70,9		
Total	227	100,0		

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	7,640 ^a	12	,813
Razão de verossimilhança	8,082	12	,779
Associação Linear por Linear	,066	1	,797
N de Casos Válidos	66		

a. 15 células (75,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,18.

Anexo J – Análises diferenciais nos protótipos de vinculação ao pai e à mãe em função da variável configuração familiar

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	43,275 ^a	3	,000
Razão de verossimilhança	40,268	3	,000
Associação Linear por Linear	35,898	1	,000
N de Casos Válidos	227		

a. 1 células (12,5%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 4,94.

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	9,485 ^a	3	,023
Razão de verossimilhança	9,361	3	,025
Associação Linear por Linear	8,729	1	,003
N de Casos Válidos	227		

a. 1 células (12,5%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 4,94.